

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

KÁTIA REGINA VIEIRA MOTA

**FORMAÇÃO EM DANÇA E AULAS MEDIADAS POR TECNOLOGIAS:
IMPACTOS E CONTRIBUIÇÕES DO FORMATO DE ENSINO
REMOTO NO CURSO SUPERIOR DE DANÇA NO PERÍODO
PANDÊMICO**

Manaus-Am

2023

KÁTIA REGINA VIEIRA MOTA

**FORMAÇÃO EM DANÇA E AULAS MEDIADAS POR TECNOLOGIAS:
IMPACTOS E CONTRIBUIÇÕES DO FORMATO DE ENSINO REMOTO
NO CURSO SUPERIOR DE DANÇA NO PERÍODO PANDÊMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Dança da Universidade do Estado do Amazonas, como parte dos requisitos necessários à obtenção de título de Licenciatura em Dança.

Orientadora: Dr^a. Erika Ramos

Manaus-Am

2023

KÁTIA REGINA MOTA

**FORMAÇÃO EM DANÇA E AULAS MEDIADAS POR TECNOLOGIAS:
IMPACTOS E CONTRIBUIÇÕES DO FORMATO DE ENSINO REMOTO NO
CURSO SUPERIOR DE DANÇA NO PERÍODO PANDÊMICO**

Este trabalho de conclusão foi julgado adequado para obtenção de Grau de Licenciatura em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas e aprovado, em sua forma final, pela Comissão Examinadora.

Nota Final: 8,9

Manaus, 27 de março de 2023

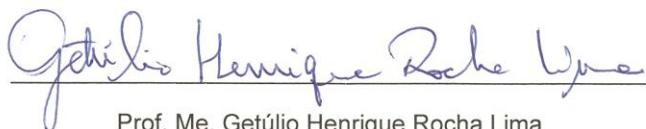
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Érika da Silva Ramos



Profa. Dra. Vilma Maria Gomes Peixoto Mourão



Prof. Me. Getúlio Henrique Rocha Lima

Dedico ao autor da minha vida, a minha família (Rony, marido lindo e dedicado, filhos amados: Joshua e Ana Mota), parentela (pais e irmãos) que sempre me apoiaram em todo tempo; aos meus colegas de curso que não conseguiram terminar porque acharam que o TCC era maior que suas forças, isso é por mim e por vocês. Aos meus professores que compartilharam do seu conhecimento a minha vida e em especial a prof.^a Dr.^a. Erika Ramos orientadora sem igual.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a imensamente a D-us por me permitir viver uma vida saudável dentro de minhas limitações e poder contribuir hoje com essa pesquisa e realizar um sonho de criança.

De ser bem recebida desde os atendentes da recepção aos guardas, que na saga em busca dos horários dos professores para realizar as entrevistas com muita gentileza exerciam seu trabalho sempre prestativos em especial (o guarda). As queridas (os) mordomos, zeladores (4º, 3º andar e térreo), que também nos auxiliavam em orientar sobre a saga onde cada professor estava, até mesmo os colegas de curso de Dança, Turismo e Teatro foram participantes e cortês nessa pesquisa da coleta de dados, gratidão!

A minha querida orientadora prof.^a. Dr.^a Erika Ramos que nunca desistiu e que sempre acreditou no potencial de cada aluno, em especial de minha pessoa a qual tratou-me com uma potencialidade a ser desenvolvida, ouviu, acreditou e orientou com toda a maestria como uma professora dedicada, amante de sua profissão, diferenciada no trato e na orientação, tratando cada aluno em suas competências e individualidades. Sou e serei sempre grata e sua admiradora e saibas que és um modelo a ser copiado!

A Nossa Coordenadora prof.^a. Dr.^a Raíssa Costa muito educada, cortês, solícita e empenhada, com fino trato tanto digital quanto presencialmente dando direções acreditando sempre nas potencialidades dos acadêmicos do curso de Dança.

A secretária do curso de Dança Aniele que na busca ativa dos tempos de professores e sempre que solicitada sempre prestativa. Ao controle de qualidade, a reitoria, aos bibliotecários (tão receptivos e amorosos) e em especial a todos os docentes da ESAT, que com suas competências foram heróis nesse período pandêmico tão desafiador para as nações, Brasil, Amazonas. A Universidade do Estado do Amazonas que se esforçou para promover dentro de suas possibilidades e atender tanto o alunado, quantos os docentes em um momento de tensão, pois todos os dias tínhamos um colega, um conhecido, um parente ou mais que faleciam e muitos casos não puderam sequer ter um enterro digno por conta da gravidade da pandemia com centenas corpos depositados em um contêineres e enterrados em valas pois, tamanha era a gravidade, um tempo de horror, tempos difíceis e em especial a capital Manaus-Amazonas que, faltou o essencial o gás oxigênio aos enfermos, muitos faleceram por falta de assistência básica.

E assim nossos professores, esses heróis enfrentando seus medos, sabores e dissabores tiveram que aprender uma nova metodologia com todas as demandas emocionais, físicas e espaciais e desenvolver suas nobres funções. Parabéns e gratidão!

Também fica minha gratidão a cada professor, gestor e coordenador que foram partícipes da contribuição e construção dos conhecimentos do Curso de Dança na UEA: Ítala Clay, Jeane Chaves, Ana Guerra, Risuenho, Silvia, Almir, Denise, Luciane Pascoal, Valdemir, Hirlândia, Socorro Nóbrega, Socorro Nina, Telma, Yara Costa, Lia Sampaio, Franci Baiardi, Leliane, Carmem Arce, Cristiane Barroncas, Jansen, **Erika Ramos**, Amanda Pinto, Getúlio Lima, Meireane Carvalho. O secretário Peterson (início do Curso) e a gestora Cláudia que em 2010 me socorreu após sofrer uma crise na faculdade, levando-me ao hospital junto com aluna Geiseane minha eterna gratidão.

Por fim a minha linda família, pais (Ariolino Teixeira e Dina Vieira), irmãos (Paulo, Sergio, e **Rodrigo Vieira**), marido amado (**Rony Mota**, sempre me apoiou até os dias de hoje obrigada pelo seu amor na saúde ou na enfermidade), filhos (**Joshua e Ana Rachel Mota** os amo e sou apaixonada por vocês grata por me tornarem uma pessoa melhor e aos 05 filhos que perdi nesse processo fazer/Dança, fazer/arte dedico a vocês essa superação. Um dia nos encontraremos aos que não puderam ficar na terra). Aos meus pastores Arão e Ester Amazonas, Rene de Araújo Terra Nova e Sarene Lima e líderes ministeriais de artes criativas/ Dança: Eliane Coelho, Nilda Pará, Benvinda Cordeiro e Kátia Zagury, discipuladora Lucineide Alves e discípulos (todos desde os ministeriais, alunos e que um dia estiveram comigo e foram treinados, muitos até entraram na ESAT, os quais sempre acreditaram em minha potencialidade. A minha família física, espiritual e acadêmica que me acolheram, me amaram e me lançaram dentro de minhas condições a propagação do conhecimento do ensino da Arte/Dança no Amazonas, Brasil e quem sabe nas nações um dia, gratidão;

E por último, ao Meu criador, redentor e suficiente salvador Yeshua, que me sustentou me deu graças, para superar cada desafio emocional, físico (pois levei 10 anos para ficar saudável devido a uma medicação que lesionou o cérebro meus gânglios: fiquei sem falar, andar direito por um ano e meio, mas a cura plena só veio em 10 anos. Grata por cada período vencido, superando cada obstáculos que se apresentavam. Finalmente a minha eterna gratidão porque estou aqui e concluí. Sem essa rede de apoio de todos vocês e ao meu Senhor e Eterno Salvador nesse processo, não seria possível!

“Até aqui me ajudou o Senhor!”

Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!

(Romanos 11:33) Almeida Revista e Corrigida

RESUMO

Este trabalho aborda a formação superior em dança mediado pelas tecnologias: impactos e contribuições do formato de ensino remoto no curso de Dança da Escola Superior de Artes e Turismo/ESAT da Universidade do Estado do Amazonas/UEA no período pandêmico. Discorrendo primeiramente a Dança sob o ponto de vista de ser considerada área de conhecimento e posteriormente partindo para formação em dança e aulas mediadas por tecnologias, e por fim realizando a análise e discussão de dados obtidos mediante entrevistas com os professores do referido curso. Assim, com a intenção de conhecer quais os impactos ocorridos na modalidade do ensino presencial para o ensino remoto nesse período de pandemia do COVID-19, mediados pelo uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação/TDIC. Delineou-se nessa pesquisa a parte fenomenológica, quanto a parte procedimental a abordagem foi qualitativa, cujo objetivo metodológico pretendeu-se descobrir as dificuldades na busca da compreensão e interpretação dos fenômenos com a delimitação de um grupo de professores por meio de entrevistas com perguntas fechadas e com o tratamento dos dados coletados pelo procedimento de análise de conteúdo advindas do contexto da nova forma de ensino na percepção e/ou reverberações vivenciadas pelos docentes que realizaram a entrevista do curso de Dança da ESAT/UEA. O estudo revelou ainda que durante o período pandêmico o grupo de docentes entrevistados no que tange o uso das novas tecnologias na fase de aulas remotas, segundo eles trouxeram certas limitações ao trabalho pedagógico e dentre essas citamos ausência de formação continuada em tecnologias digitais e a limitação de conexão em rede e acesso à internet.

Palavras-chave: Arte. Dança. Pandemia. TDIC's. Professor. UEA. COVID-19.

ABSTRACT

This work approaches the higher education in dance and the remote format mediated by technologies: impacts and contributions of the remote teaching format in the Dance course at the Escola Superior de Artes e Turismo/ESAT at the University of the State of Amazonas/UEA during the pandemic period. First discussing Dance from the point of view of being considered as an area of knowledge and later moving on to training in dance and classes mediated by technologies, and finally performing the analysis and discussion of data obtained through interviews with the teachers of that course. So, with the intention of knowing the impacts that occurred in the modality of face-to-face teaching for remote teaching in this period of the COVID-19 pandemic, mediated by the use of Digital Information and Communication Technologies/TDIC. The phenomenological part was outlined in this research, as for the procedural part, the approach was qualitative, whose methodological objective was to discover the difficulties in the search for the understanding and interpretation of the phenomena with the delimitation of a group of teachers through interviews with closed questions and with the treatment of data collected by the content analysis procedure arising from the context of the new form of teaching in the perception and/or reverberations experienced by the teachers who carried out the interview of the Dance course at ESAT/UEA. The study also revealed that during the pandemic period, the group of teachers interviewed regarding the use of new technologies in the remote classroom phase, according to them, brought certain limitations to the pedagogical work and among these we mention the absence of continuing education in digital technologies and the limitation network connection and internet access.

Keywords: Art. Dance. Pandemic. TDIC's. Teacher. UEA. COVID-19.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - A DANÇA COMO ÁREA DE CONHECIMENTO.....	12
1.1 A Dança: Como conhecimento	12
1.2 A Dança: Conceitos	14
1.3 OS PCNs e a Dança	15
1.4 A LDB e a Dança.....	16
1.5 Base Nacional Comum Curricular/BNCC: Arte/Dança	17
1.6 A Dança: Como Ensino Superior.....	17
1.6.1 Breve histórico da criação da Universidade do Estado Do Amazonas/UEA.....	18
1.6.2 Escola Superior de Artes e Turismo/ESAT/UEA	19
1.6.3 O Curso Superior de Dança na ESAT/UEA	22
CAPÍTULO 2 - A PANDEMIA E A EMPREGABILIDADE DAS TDIC'S COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL	25
2.1 A Pandemia.....	25
2.2 As TIDC's como Ferramentas Educacionais.....	26
A UEA no período de pandemia:	28
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	29
3.1 O Perfil dos Professores.....	30
3.2 O Ensino Pesquisa e Extensão antes e após pandemia	31
3.3 Principais dificuldades encontradas pelos professores	33
3.5 O professor e as TDIC`s	37
3.6 O emprego das Avaliações	38
3.7 Resultados.....	40
3.8 Entrevistas.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS.....	52
ANEXO A.....	52
APENDICES	53
APENDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	53

INTRODUÇÃO

A justificativa para estudar essa temática parte da necessidade de explorar e conhecer como foram abordadas as atividades do curso de Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, pelos professores, nas propostas pedagógicas e no desenvolvimento de competências no uso do formato de ensino remoto como mediador via tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), visto que, o mundo enfrentou uma pandemia causada pelo novo Coronavírus, resultando em transformações no ambiente educacional.

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS), reconheceu o surto dessa nova doença como emergência de saúde pública e a cidade de Manaus, entre tantas outras, ao ser atingida por esse vírus mortal, sentiu o impacto assombroso colapsando o sistema de saúde. Com a pandemia instalada, a cidade parou e/ou diminuiu suas atividades cotidianas em vários setores, dentre eles o da educação, o qual sofreu alterações de continuidade, logo, o que antes era presencial e comum, teve o desafio de alterar-se abruptamente em formato remoto. Assim, o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) que antes era bastante usado mais pelo modelo de Educação à Distância (EaD), foi um amparo notável ao *homework* (trabalho em casa) substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais.

Acreditamos que a tecnologia, apesar de inteiramente necessária ao andamento da Universidade em formato remoto, além de trazer benefícios aos participantes, comporta certa complexidade significativa em sua prática, por isso envolveu-se em questão norteadora sobre como a pandemia impactou a prática docente de profissionais do curso de Dança, da Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Assim, este trabalho tem por objetivo: investigar como as alterações sofridas pelas atividades antes presenciais, passou para o formato remoto mediado por tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), empregadas durante a pandemia, interferiu no processo didático/docente direta ou indiretamente na formação dos acadêmicos de licenciatura e/ou bacharelado em Dança da Universidade do Estado do Amazonas.

Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: a) Pesquisar a dança como área de conhecimento; b) Elencar o que é o ensino remoto e quais as principais tecnologias digitais da informação e comunicação aplicada na área da educação; c) Averiguar as principais

dificuldades/aprendizados possíveis relatados por docentes para a continuidade de suas práticas laborais durante momento pandêmico.

O caminho metodológico aplicado foi a fenomenologia, com abordagem qualitativa onde o pesquisador usou a literatura de maneira consistente com as suposições do participante, ou seja, prescreveu-se as suposições que precisavam ser respondidas sob o ponto de vista do pesquisador, estabelecer o ponto de significado sobre o ponto de vista (CRESWELL, 2007) da qualidade de vida dos 13(treze) professores quando enfrentaram como impacto e contribuições frente ao ensino-aprendizagem no Curso de Dança. A problemática foi mediada pelos aplicativos *WhatsApp* e *Telegram*, através do qual estruturam-se as entrevistas.

Desse modo, o trabalho estruturou-se da seguinte forma: no primeiro capítulo consta levantamento científico abordando a Dança como área de conhecimento, as legislações que permitem seu ensino e das características centrais do curso superior da ESAT. No segundo, há uma apresentação sobre o que foi a pandemia e suas implicações na educação, bem como a empregabilidade das TDIC's como ferramenta educacional e finalmente no terceiro capítulo ocorre uma descrição do procedimento metodológico usado para análise e discussão de dados.

CAPÍTULO 1 - A DANÇA COMO ÁREA DE CONHECIMENTO

1.1 A Dança: Como conhecimento

Antes de discorrermos sobre o título acima, abordaremos primeiramente o conceito de Arte, passando por um conceito básico a um mais abrangente para em seguida entrarmos na arte/educação, assim temos as seguintes explicações:

Segundo o Dicionário Didático Básico (2019, p.41), arte é uma palavra “substantivo feminino, que significa criação admirada por sua beleza ou por ser difícil de se fazer, sendo a: literatura, pintura, teatro, música e cinema tipos diferentes de arte”.

Assim sendo, o conceito de arte perpassa o tempo, espaço e modo de reflexão, propondo sempre um “novo conceito”. No que concerne ao ensino da arte na educação, o Brasil passou por algumas transformações, dentre essas, citamos:

Que na segunda metade do século XIX, passou por um período de preocupação com o ensino da arte na história da educação brasileira, sendo essa vista apenas como Desenho Geométrico. De acordo com autora Ana Mae Barbosa (2012, p71) “o ensino da arte sofria preconceito por parte da elite brasileira e somente no período da República que foi retirado o preconceito contra o ensino da arte simbolizado pela Academia Imperial de Belas Artes”.

Já no século XX, mais precisamente na década 80, o curso de Arte foi tomando importância por meio de debates, a politização frente a manipulação política quanto ao ensino desse conhecimento que era focado somente em desenhos geométricos. A partir de 1983 realizou-se a campanha que libertaria o País do regime autoritário e conseqüentemente da manipulação da forma de ensinar Arte. E como resultado a nova a Constituição 1988, menciona cinco vezes a arte no que se refere liberdade de expressão e proteção de obras. Em seu Artigo 206, chega a determina que o ensino de arte teria liberdade para aprender, ensinar, pesquisar, disseminar arte e conhecimento.

Conforme autora Ana Mae Barbosa (1936, p.174) “ com a guerra pelo progresso do ensino da Arte, surgiram associações que politizavam sobre sair da superficialidade e dispor preparo adequado aos professores dessa disciplina”. As universidades, estaduais ou federais, começaram a organizar curso de especializações a seus professores de Artes. Porém, entre 1984 a 1987 os cursos das Universidades Paraíba, Curitiba e de Florianópolis/UDESC, ainda possuíam ensinos fracos, especializações rápidas e não conseguiam formar professores suficientes e com conhecimento

básico. Em 1983, o Estado de São Paulo possuía um curso de arte e uma Especialização em arte-educação com duração de um ano que, compreendia quatro cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado, cuja demanda recebia alunos de todo o país.

Em outra obra sobre a arte educação, a mesma autora relata, que o estudo da Arte dá voz aos menos favorecidos “daqueles que não se permitem participar dos códigos hegemônicos”. E por último, ela trouxe a proposta para sistematizar a educação visando estimular a consciência cultural (BARBOSA, 1975).

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs (1996/97) no que concerne ao conceito de Arte, essa é tão importante quanto às outras áreas do conhecimento no processo do ensino/aprendizagem. Uma vez que, propicia o desenvolvimento do pensamento artístico de que o aluno pode perfeitamente relacionar-se artisticamente com outras disciplinas.

Assim, os Parâmetros Curriculares foram criados com objetivo de divulgar tais orientações no volume 6. Traz detalhes da Lei n.º 9.396, e obriga o ensino da arte dentro das escolas e como deve ser trabalhada, assim como a desconstrução do ensino de arte em área de conhecimento não como formadores de artista, mas o formar artisticamente. Em que, o indivíduo é estimulado a criatividade e que essa seja uma ferramenta para olhar o mundo ao seu redor e construir suas interferências.

Portanto, frente as indagações de como se deve ensinar arte, os PCNs geraram condições para estabelecer um quadro de referência conceitual, fundamentando o currículo escolar, focalizando a especificidade da área e definindo limites com base em características essenciais ao fenômeno artístico.

Quanto a questão da arte e educação, os PCNs deslocam o foco da educação tradicional para o processo de aprendizagem do aluno, deixando de lado apenas a transmissão de conteúdo por parte do professor. No primeiro momento era valorizada a livre expressão e a sensibilização para a experimentação artística, ou seja, tudo isso visava o desenvolvimento do aluno. O princípio da livre expressão espalhou-se por todas as escolas acompanhado do mote criatividade, sua aplicação não possuía planejamento pedagógico e nem visava o desenvolvimento da sensibilidade artística. O objetivo, portanto, era facilitar o desenvolvimento criador da criança. Contudo, esse pensamento foi perdendo força e, na década de 60, arte-educadores, principalmente os americanos, lançaram a base para um novo foco dentro do ensino da arte cuja ideia questionava a espontaneidade artística

da criança. Também, tinha como premissa, definir a verdadeira contribuição da arte para o desenvolvimento do ser humano.

Porém, no início da década de 70, autores americanos do ensino da arte afirmavam que o desenvolvimento artístico era resultado de uma aprendizagem complexa e que não ocorreria à medida que a criança cresce, mas, “as habilidades artísticas se desenvolveriam por experiências desenvolvidas ao longo do tempo, dentre as quais, sobressaem do modo de aprender dos artistas” (PCN, 2001, p. 23).

A partir dos anos 80, foi instituído o movimento arte-educação permitindo que se ampliassem as discussões sobre aprimoramento e valorização do professor. As ideias que fundamentavam esse movimento se espalharam pelo país com intuito principal de propor novos rumos da educação em arte. Ao final da década de 90 surgiram novas tendências curriculares do ensino da arte conectado com esfera cultural.

No século XXI, dentre as propostas suscitadas no Brasil destacam-se aquelas que interfeririam na melhoria do ensino e da aprendizagem de arte e dentre essas citamos: o estudo sobre a educação e estética completando a formação artística do aluno além da premissa básica do fazer artístico, da apreciação da obra de arte e a sua contextualização histórica, ou seja, segundo relatam os PCNs, as escolas brasileiras seguem, por conseguinte, as influências e tendências que estão em voga em outros países no que se refere ao ensino da arte.

Finalmente, evidenciado sucintamente o que servia Arte e seu percurso histórico para consolidação no Brasil, ressaltamos que ela se manifesta por várias linguagens, entre elas a Dança. No tópico seguinte serão apontados os fatores que a evidenciam como área de conhecimento.

1.2 A Dança: Conceitos

Uma vez que, a Dança é considerada uma manifestação artística, percebe-se que esta tem em comum com o conhecimento científico o caráter criador e inovador. Neste sentido, ciência e arte são produtos que expressam as representações imaginárias das distintas culturas que se renovam através dos tempos construindo o percurso da história humana, uma vez que, não tem como haver ciência sem imaginação, nem arte sem conhecimento e vivência, pois, tanto um quanto outro são ações criadoras na construção do ser humano.

Para Pinto (2015) o conceito de Dança é muito mais amplo que dançar um ritmo, é muito mais complexo e sistemático. Desde os espaços que são preenchidos, até o tempo que se movimenta no espaço. A Dança “possui especificidades, linearidades e não-linearidades” (PINTO, 2015, p. 71). Para a autora Lima (2002, p. 35), “a arte/dança pode ser considerada como uma manifestação cultural dependendo de sua origem”.

A dança, carrega códigos de linguagem que podem ser reconhecidos em qualquer lugar, aflorando na pessoa atributos que podem ser desenvolvidos, “enriquece as qualidades do homem tanto físicas como mentais ou psíquicas” (ACHCAR, 1998, p. 15). Também a Dança pode sofrer mutação conceitual no sentido de *pensar-dança*, uma vez que, busca novas maneiras de expressar-se a partir de:

quebra de verdades estabelecidas sobre o conceito de dança e da transgressão aos modelos considerados ideais. Levar a dança ao seu estado zero, abrir-se à pesquisa de movimento, materializar outras expressões, incorporar diferentes linguagens cênicas, enfatizar o cotidiano, o *nonsense*, o fragmentado, o integrado e o presente (dialogando com o passado e com o futuro), e aceitar-se como uma linguagem sempre em trânsito foram alguns pilares que fundamentam a emergência da chamada “dança contemporânea” (FERREIRA; CALAZANS, 2003, p. 116).

Diferentemente para cada modalidade artística como música, arquitetura e artes visuais. A dança pode, deste modo, ser vista não só como forma de conhecimento, mas também como, elemento de educação social do indivíduo, indo muito além do somente ser artístico. (MARQUES, 2001).

A Dança, portanto, como área de conhecimento, ancora-se neste trabalho em três centrais documentos, a saber:

- Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs;
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação/LDB
- Base Nacional Comum Curricular/BNCC.

1.3 OS PCNs e a Dança

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs, existem quatro linguagens artísticas que são reconhecidas como área de conhecimento e estão contidas no rol das disciplinas, a saber: música, dança, teatro e artes visuais. Em 1998 é publicado o Referencial Curricular para Educação Infantil que, também reúne objetivos, conteúdos e orientações didáticas, ratificando o ensino

artístico como apoio pedagógico para o planejamento de aulas, elaboração de projeto, práticas didáticas e análise de material didático.

referenciais de qualidade para orientar a educação em todo o país. Cujas funções são orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros (BRASIL, 1997, p.13).

Na disciplina de Artes o primeiro conteúdo a ser abordado especifica a Dança na expressão e na comunicação humana, o segundo aborda a Dança como manifestação coletiva e o terceiro traz a dança como produto cultural e apreciação estética (PCN's, 1997).

1.4 A LDB e a Dança

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação/LDB, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, trouxe grandes e importantes mudanças para o sistema educacional brasileiro e dentre estas destacamos o ensino da Arte que passa a ser obrigatório na Educação Básica com vistas à promoção do desenvolvimento cultural do aluno.

O seu Art.3, inciso II, o princípio que versa sobre: a liberdade sobre cultura, o pensamento, a arte, sendo livre para ensinar e aprender. De igual modo, Art. 26, §2º menciona que o ensino da arte, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica. O Título VI, em seu Art. 62, determina que, os Profissionais de Educação tenham formação em curso de Licenciatura para atuar na Educação Básica sendo admitida formação mínima para o exercício do magistério, na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental e em Nível Médio, na modalidade normal (BRASIL, 1996).

Posteriormente, temos a Emenda nº 59, de 11 de novembro de 2009, que menciona a obrigatoriedade do ensino às crianças de 4 a 17 anos. Assim, surgem as Diretrizes Curriculares Nacionais/DCNEI, de acordo com seu Art. 56 em seu capítulo IV orienta o planejamento curricular das escolas e propondo a organização por eixos de interações como as brincadeiras e como marco conceitual a indissociabilidade entre o cuidar e educar. (BRASIL, 2013).

A LDB desde sua promulgação passou por diversas atualizações, sendo a última em 2017, por meio da Lei nº. 13.415, e essas alterações vieram sempre buscando melhorias educacionais. Para a autora, Strazzacapa (2006), a alteração feita na legislação brasileira no tocante Arte, não esclarecia quem seria de fato o profissional habilitado a ministrar esse componente curricular se o

professor de sala ou especializado em arte, ou seja, foi excelente a arte ter sido reconhecida nesta notória lei, porém deixou a desejar.

1.5 Base Nacional Comum Curricular/BNCC: Arte/Dança

É um documento mais recente, de caráter normativo, que define progressivamente que todo aluno ao longo das etapas e mobilidades da educação básica tenham assegurado seus direitos de aprendizagem conforme o Plano Nacional de Educação/PNE.

A BNCC propõe o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para o trilhar do fazer artístico. Em seu Art. 35-A, §2º menciona que, o Ensino Médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de: educação física, artes, sociologia e filosofia.

Também inclui as seguintes linguagens: artes visuais, dança, música e teatro, considerando suas especificidades, ampliando assim as possibilidades de experiências com a arte e por fim trazendo reflexões sobre esses temas na educação.

Em relação à Dança, o documento propõe articular os procedimentos cognitivos e as experiências sensíveis no movimento dançado, descobrindo o significado das relações entre a corporeidade e a produção estética para repensar e transformar percepções do corpo e da dança. No que, se refere a Dança, a BNCC menciona que os alunos articulem processos cognitivos e envolvam-se em produção artística de dança centrando com que acontece com o corpo. Repensando e transformando estereótipos tais como: corpo *versus* mente, popular *versus* erudito, teoria *versus* prática.

Assim, a dança no campo do ensino/aprendizagem, passou por vários caminhos, muitas vezes se recriando de tempo em tempo, outras vezes superando desafios, avançando e conquistando novos patamares. Continuaremos a falar dela, mas saindo do foco escola básica rumo ao nível superior dos cursos de graduação em Dança pela Universidade Federal da Bahia e a Universidade Estadual do Amazonas.

1.6 A Dança: Como Ensino Superior

Sobre registro da criação do curso Dança no Brasil enquanto nível Superior, mencionamos o primeiro curso, implantado pela Universidade Federal da Bahia/UFBA em 1956, sendo essa,

portanto, a pioneira e referência por décadas na formação de bailarinos, coreógrafos e professores de dança no país.

Em seguida, na década de 80 houve a progressão e propagação do curso de Dança pelas universidades: Estadual de Campinas/UNICAMP e Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PUC-PR. Posteriormente outros cursos foram surgindo. “Nesse período inicial existiam somente 04 cursos superiores de Dança no Brasil, hoje são 15 cursos de graduação e mais de 30 de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado)” (STRAZZACAPA, 2006, p. 10).

Em 2001, surge o primeiro curso Superior em Dança da Região Norte na Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas.

1.6.1 Breve histórico da criação da Universidade do Estado Do Amazonas/UEA

A Universidade do Estado do Amazonas (UEA), de acordo seu com Plano de Desenvolvimento Institucional-PDI/2012/2016, cita a sua criação através do Decreto nº 21.666, de 1º de fevereiro de 2001, autorizada pela Lei nº 2.637, de 12 de janeiro de 2001, com a natureza jurídica de Fundação Pública, como Instituição Pública de Ensino, Pesquisa e Extensão, com autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, com atuação inicial nas áreas de Ciência Sociais, de Tecnologia, Educação, Ciências Humanas, Ciências da Saúde, Direito, Administração Pública e Artes, integrando a Administração Indireta do Poder Executivo, vinculado diretamente ao Governo do Estado do Amazonas sob supervisão da Secretária de Estado de Ciência e Tecnologia, dispondo de uma estrutura organizacional com base na gestão em órgãos colegiados de deliberação coletiva, dirigida por um Reitor, com auxílio de um vice-Reitor, de Pró reitores, de órgãos de assistência e assessoramento e de órgão de órgãos suplementares, nomeados por ato do Poder Executivo.

O credenciamento da capital e do interior do Estado do Amazonas se deu pelo Conselho Estadual de Educação/CEE-AM, por meio da Resolução nº 006/01/CEE-AM, de 17 de janeiro de 2001, e retificada pela Resolução nº 159/02/CEE/AM, de 03 de dezembro de 2002. E o seu primeiro vestibular ocorreu no mesmo ano de criação obtendo mais de 180 mil candidatos inscritos.

A UEA, em 2023, completa 22 anos de existência e de acordo com informações da própria Instituição, já formou mais de 60 mil alunos, possui mais de 22 mil alunos matriculados espalhados nos cursos de graduação e pós-graduação. Em sua estrutura organizacional aprovada em seu Decreto de criação conta seis unidades acadêmicas na capital, seis centros de estudo superiores e

14 núcleos de ensino no Interior do Estado. Oferece 249 cursos sendo 64 regulares e 185 de oferta especial.

A UEA tem como:

Missão

Promover a educação, desenvolvendo conhecimento científico sobretudo a Amazônia, conjuntamente com os valores éticos capazes de integrar o homem a sociedade e de aprimorar a qualidades dos recursos humanos existentes na região; ministrar cursos de grau superior, com ações especiais que objetivem a expansão do ensino e da cultura em todo o território do Estado; realizar pesquisas e estimular atividades criadoras, valorizando o indivíduo no processo evolutivo, incentivando o conhecimento científico relacionado ao homem e ao meio ambiente.

Visão

Afirmção da UEA como Instituição de Ensino Superior de referência no ensino, pesquisa e extensão pela comunidade científica e pela sociedade em geral, caracterizado pelo compromisso social de instituição pública e pela eficiência na gestão, sendo reconhecida como universidade brasileira que interiorizou o ensino, a pesquisa e a extensão universitária em um Estado de dimensões continentais.

Valores

Liberdade, Democracia, Responsabilidade, Justiça, Consciência, Ética, Educação e Respeito, Identidade, Comprometimento Social e Cidadania, Pluralidade, Integração, Inovação e Criatividade.

Princípios

Estão evidenciados nos Artigos 4, 5 e 6 do capítulo II, do Decreto n. 21.963 de 21/06/2001 que aprovou o seu Estatuto, dentre eles citamos: universalização do conhecimento, liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber (PDI/UEA, 2012/2016).

Tendo suas ações norteadas por esses itens elencados acima a UEA tem como objetivo: promover a educação, sustentada pela indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão.

Entre os seus vários cursos superiores, núcleos, centros e escolas envolvidos nas Ciências, Letras e Artes tem-se como uma das mais importantes unidades acadêmicas da UEA a Faculdade de Artes e Turismo/ESAT.

1.6.2 Escola Superior de Artes e Turismo/ESAT/UEA

A Escola Superior de Artes e Turismo/ESAT, conforme Plano de Desenvolvimento Institucional/2007/2011, tem como objetivo cumprir a finalidade institucional centrada no trinômio: ensino-pesquisa-extensão, com estratégias que respondam às necessidades de sociedade amazonense na busca de melhor qualificar seus recursos humanos. A ESAT tem por objetivos específicos: desenvolver suas potencialidades e garantir qualidade de vida de seus cidadãos.

A ESAT possui quatro cursos de graduação a saber: Música, Dança, Teatro e Turismo. Além de pós-graduação sendo: Especializações afins e Mestrado voltado para Letras e Artes.

A Escola Superior de Artes ESAT/UEA localiza-se na rua Leonardo Malcher, nº 1728 (Prédio Professor Samuel Benchimol) - Praça 14 de Janeiro, situado no município de Manaus, Estado do Amazonas.

Quanto a estrutura predial da ESAT, o local precisou ser adaptado para receber os cursos de artes, os quais, por possuírem peculiaridades próprias não somente na parte teórica, mas principalmente no que se refere a prática do ensino\aprendizagem. Nesse prédio além do curso de Artes ocorreram inicialmente os primeiros cursos de Medicina e Ciências Sociais que posteriormente mudaram-se seus devidos prédios conforme (PDI/UEA, 2007/2011).

No térreo tem uma estrutura de entrada sendo uma recepção com duas pias externa na área para lavar as mãos e porta papel toalha, garagem para os professores e colaboradores. Há agentes de portaria e dois seguranças patrimoniais a recepcionista orienta o acesso e registra pessoas de fora da comunidade anotando número da Carteira de Identidade e indicam tanto alunos, professores e visitantes sobre o acesso aonde querem estar. Quanto ao formato da entrada é em forma de “T”, a frente tem um auditório, sala de estar com dois banheiros, banco de madeira, dois elevadores de entrada reformados com duas tv’s com informativos sobre o desempenho da UEA. Seguindo em linha reta no corredor há mais duas salas, sala dos mantenedores da internet e mídia, outro auditório, utilizado pela escola de música para ensaios, uma sala restaurada com senha digital como acesso o Laboratório pós-graduação Lato Sensu da ESAT/ Biomech Lab; ao lado direito na continuação temos uma sala com espelho e barras para aulas práticas de Dança em forma retangular “Sumaúma”, mas chamada carinhosamente de “gaiola” por sua estrutura de parede anteriormente ser de arame trançado, (internamente contém, lousa, caixa de som via *bluetooth*, tomadas e acessos à *internet*, um *datashow*, 02 tomadas, 02 terminais de internet, 01 ar-condicionado, barras e espelho, 10 luminárias de leds (todas funcionando), uma mesa, uma cadeira, um CPU, um teclado, um mouse e um monitor). Agora essa parte tem dois acessos aos cinco andares no sentido norte, fundo com as escadas e com um elevador. Já ao sentido leste temos acessos externos: mais dois banheiros, duas salas para aulas práticas, 132 armários sendo: 84 do curso de Dança e 48 do curso de Teatro. Destes 06 armários estão sem manutenção sendo: 01 do curso de Dança e 05 do curso de Teatro com portas amassadas, abertos sem fechadura e/ou danificado; acessos a escadaria para o estacionamento, ao leste no fundo há um acesso para os carros de uma entrada/saída estritamente a quem tem autorização.

A oeste e sul temos acessos as escadarias para a sobreloja, composta de 02 bancos de esperas, área externa, cabine de vidro do setor de Protocolo, cabine em MDF, sala de professores, uma máquina digital de acesso a biblioteca para reservas de títulos, online no corredor; ao oeste temos a biblioteca, a leste dois elevadores e escadaria, lousa de avisos, sala de controle de qualidade, sala da secretária e coordenações do curso, sala da direção a leste. A biblioteca é informatizada através de um sistema denominado *Pergamum* o qual permite ao aluno pesquisar e fazer reservas e renovação de títulos via internet. Ele já é utilizado em cerca de 48 instituições de níveis superiores do país possibilitando aos alunos da UEA consultar os acervos dessas instituições de acordo com o PDI/UEA de 2012/2016). Há um acervo com 15.413 exemplares, mais 528 exemplares adicionais no acervo geral, Linguística, Letras e Arte. Há também, 7.570 títulos (livros), 2.981 exemplares (outros livros iguais), 808 Monografias (títulos), 794 exemplares, 10 monografias de Pós-graduação de Artes, 91 dissertações, 92 dicionários 212 partituras de música, 08 computadores de acesso ao aluno.

A percepção sobre o 2º andar é que é um dos andares mais bonitos, restaurados, bem apresentável e utilizados pelo curso de música antigamente era uma cantina. A ESAT ganhou um restaurante universitário-R.U. Os corredores desse andar também possuem 03 banheiros (sendo um com acesso aos cadeirantes). No corredor há 11 bancos de paletes bem conservados. Há 18 salas, um mini auditório, 01 bebedouro de inox, 03 vasos de plantas, o chão bem limpo, conservado e todo andar com o chão adesivado; na parede possui um varal, uma lousa verde com avisos do curso.

No 3º andar, é utilizado pelo curso de Teatro as paredes são pintadas com cores quente e com dizeres reflexivos sobre os estudos o fazer/arte bancos de paletes, bebedouro, salas de aula com *datashow*.

O 4º andar é ocupado pelo curso de Dança sendo que, logo na entrada de acesso ao elevador há quadros de avisos, 01 banco de praça de espera, 01 sala de produção, 01 extintor, sala de Núcleo de Mídias e Novas tecnologias (acessos aos alunos do curso de Teatro), porém quando solicitado por algum professor o os alunos de Dança podem fazer uso; 01 Auditório “Aldair de Palma” (palestras e aula), 07 bancos de paletes, 01 bebedouro de inox, uma lixeira grande ao lado, 03 banheiros (sendo um para portadores de necessidades especiais) feminino com ornamentação com plantas vivas outras artificiais, porta papel toalha, bancada de mármore, pias de louça branca, armários de madeira em MDF, todos bem conservados e limpos; 02 extintores nas proximidades, 01 caixa de trocas de livros, 07 salas de aulas, 01 ar-condicionado no corredor e em todas as salas,

02 armários grandes no corredor de madeira, um interfone para os funcionários e prestadores de serviço.

O 5º andar é utilizado pelos cursos de Turismo e de pós-graduação, as paredes são das cores branca e verde. Com seus respectivos extintores, quadro de aviso, bancos de paletes, bebedouro e vasos de plantas vivas.

1.6.3 O Curso Superior de Dança na ESAT/UEA

O curso Superior de Dança da ESAT/UEA teve o ato de autorização concedido por meio do Decreto nº 21.963, de 21 de junho de 2001, no Município de Manaus, na Unidade Acadêmica da Escola Superior de Artes e Turismo. E tem de modo geral como objetivos:

- compreender o movimento a partir das percepções das ações corporais: impulso, peso, bases de sustentação e queda-recuperação, relacionando-as ao estudo corpo-ambiente, visando aprimoramento da capacidade interpretativa;
- disseminar o conhecimento científico, particularmente sobre a Amazônia, através de curso de nível superior, com base em valores éticos capazes de formar, qualificar, integrar o homem a sociedade e de contribuir para o fortalecimento das políticas governamentais de desenvolvimento sustentável do Estado do Amazonas e da Região Amazônica.

Curso de Dança/Licenciatura

O curso de Dança legalmente, existe desde agosto de 2001 com Ato de Criação, pelo Decreto nº 21.963 de 27/06/2001, porém, somente foi reconhecido pela Resolução nº 116/200-CEE/AM de 11/11/2008.

Objetiva formar licenciados em Dança com rigor científico teórico–metodológico que levem ao despertar da sensibilidade artística e da cidadania, tendo a sala de aula como espaço prioritário de atuação e multiplicação de suas ações, especificamente direcionados para atuar no ensino em espaços formais, não-formais e informais. O licenciado em Dança é graduado com sólido conhecimento e sobre os fundamentos da Dança, seu desenvolvimento histórico e suas relações com diversas áreas, com elementos que possibilitem o alcance de qualidade de vida, do exercício crítico e atuante da cidadania e alinhamento com questões contemporâneas da sociedade.

De 2001 a 2022 formaram-se Licenciados em Dança 204 alunos sendo 103 do turno vespertino e 101 do turno noturno. O curso conta com 165 alunos ativos, sendo 81 do período vespertino e 84 do período noturno. Abaixo demonstramos tabela com números de formandos por turnos:

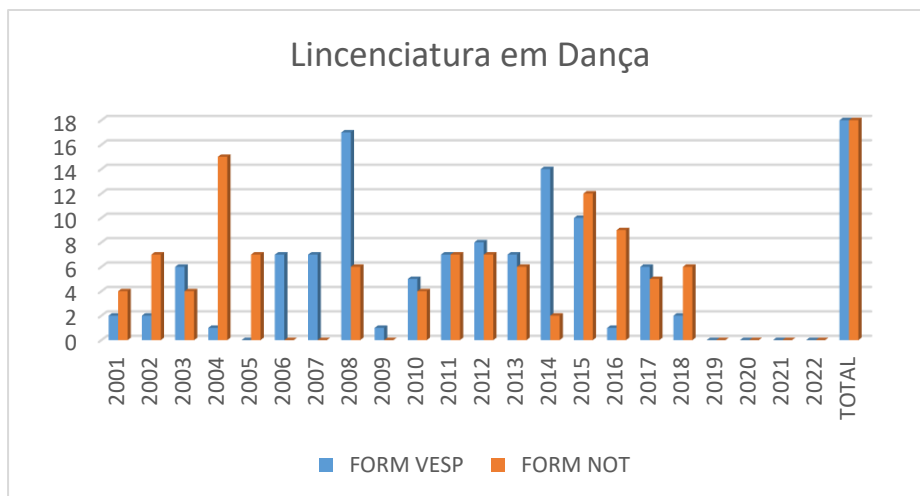


Tabela 01. Números de formandos do curso Licenciatura em Dança do período de 2001 a 2022. **Fonte:** UEA/2023

Curso de Dança//Bacharelado

O curso de bacharelado em Dança foi criado também por meio do Decreto citado acima e reconhecimento por meio da Resolução n.º 116/2008-CEE/AM.

Este curso dá formação ao aluno de Bacharel em Dança com embasamento teórico e técnico para compreender as questões de dança de caráter artístico e científico. Tem como objetivo geral:

- trazer visão crítica e reflexiva da arte além de contribuir através da pesquisa científica intervenção no meio em que estão inseridos.

O Bacharel em Dança pode atuar como bailarino, intérprete, coreógrafo, diretor em companhia de dança, pesquisador e atuar de formar autônoma e empreendedora.

De 2001 a 2022 formaram-se Bacharel em Dança 119 alunos, sendo 56 do turno vespertino e 63 do turno noturno. O curso conta com 117 alunos ativos, sendo 59 do período vespertino e 58 do período noturno. Abaixo apresentamos tabela com números de formandos por turnos:

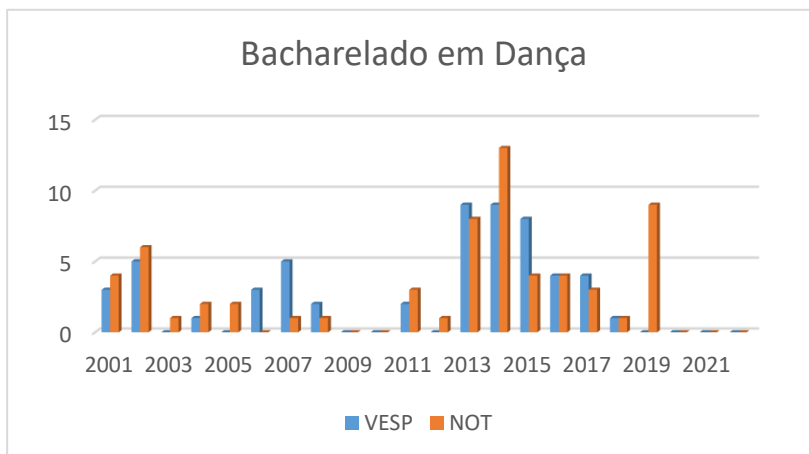


Tabela 2. Números de formandos do curso Bacharelado em Dança do período de 2001 a 2022. **Fonte:** UEA/2023

Portanto, ao longo de seus 22 anos de existência o curso Superior de Dança da ESAT/UEA formou diversas turmas e de acordo com pesquisa realizada no próprio site da UEA, formou aproximadamente 323 alunos. Atualmente tem 282 alunos ativos.

O Corpo Docente do curso de Dança

O corpo docente do curso Superior de Dança da ESAT/UEA de acordo com informações da UEA/Cursos é constituído por 13 concursados para área específica e ao todo 27 professores (alguns compartilhados) sendo que, em sua maioria possuem mais de uma formação, mestrado e doutorado e todos são efetivos do quadro permanente da UEA.

Assim, os professores do curso de Dança ministram em torno de 55 disciplinas, ensinando, aproximadamente, 154 alunos que estão em plena atividade, contudo, muitos desses docentes, no ofício do dever, ministram mais de uma matéria, acarretando carga dobrada para fazer com que os alunos não sejam prejudicados.

CAPÍTULO 2 - A PANDEMIA E A EMPREGABILIDADE DAS TDIC'S COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL

2.1 A Pandemia

A Organização mundial de Saúde/OMS oficializou em 31 de dezembro, na cidade de Wuhan, na China, um vírus chamado Coronavírus, SARS-CoV-2 ou COVID/19, cuja transmissão ocorre por contato pessoal como: espirro, tosse, gotículas de saliva, toque ou aperto de mão, objetos ou superfícies contaminadas em contato com a boca, nariz e olhos de acordo informações divulgadas pelo Ministério da Saúde.

Com a proliferação do vírus ocorrida de forma ágil e agressiva, as relações humanas tiveram que ser reduzidas e muitos setores da economia precisaram parar totalmente suas atividades, ou seja, empresas, comércios, restaurantes e ambientes da vida social fecharam as portas por força de publicações de Decretos governamentais no nível: municipal, estadual e federal, enquanto a ciência, por outro lado, buscava incansavelmente a criação de uma vacina que pudesse combater o vírus letal trazendo assim a normalidade da vida como antes.

Dentre os setores impactos pelo estado pandêmico, o setor da educação, paralisou suas atividades presencialmente, passando a utilizar o modo de sistema digital cada vez mais e intensamente, ou seja, o uso de tecnologia para amenizar os impactos sobre o sistema educacional sofreria.

No Estado do Amazonas, principalmente na capital, a pandemia tomou proporções gigantescas e assustadoras, resultando no colapso jamais visto no sistema de saúde, sobretudo no período entre janeiro e fevereiro de 2021, em que, milhares de vidas foram ceifadas abruptamente. Em meio ao caos instalado na cidade o governo do Estado sinalizou com a possibilidade de continuidade das aulas via tecnologias digitais na modalidade remota. De fato, no Ensino Superior as aulas foram suspensas após inúmeros debates do colegiado passando adotar a modalidade do ensino remoto e modular.

O governo do Estado decretou situação de calamidade pública por meio do Decreto nº 42.100, de 23/03/2020:

Art. 1.o Fica declarado Estado de Calamidade Pública, para os fins do artigo 65 da Lei Complementar Federal no 101, de 4 de maio de 2000, em razão da grave crise de saúde pública decorrente da pandemia da COVID-19 (BRASIL, 2020).

De fato, a pandemia de Covid-19, juntamente com distanciamento social, desencadeou fatores que poderiam vir acarretar prejuízos ao sistema educacional como: dificuldade na reposição total das aulas, comprometimento do calendário acadêmico e retrocesso do processo educacional, por outro, tal cenário trouxe uma maior aproximação no uso de tais tecnologias. Assim, o Governo Federal com intuito de normatizar medidas para o sistema de ensino superior publica legislação específica em Relação às Medidas Protetivas no Período Pandêmico do Covid-19, sendo o Ministério da Educação publicou Portaria n° 343, de 17 março de 2020, que substituíu as aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durasse a situação da Pandemia do COVID-19 no Brasil.

O Ministro de Estado da Educação, no uso da atribuição, resolve:

Art. 1 Autorizar, em caráter excepcional, a substituição de disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do Sistema Federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020).

Logo depois, o Conselho Nacional de Educação/CNE veio a público elucidar aos sistemas e as redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, a necessidade de reorganizar as atividades por conta de medidas preventivas à proliferação da Covid-19 (RODRIGUES, 2021). No Brasil, as aulas presenciais também ficaram suspensas, porém, seguindo a orientação das autoridades competentes, face à proporção e intensidade de contaminação pelo COVID-19 conforme a realidade de cada cidade ou estado.

Portanto, vislumbra-se um cenário educacional estarrecedor, ainda mais pelas declarações dadas, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura /UNESCO, que: “milhões de estudantes em mais de 150 países ficaram sem aulas com o fechamento total ou parcial de escolas e universidades devido à pandemia”.

2.2 As TIDC's como Ferramentas Educacionais

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação ou também conhecidas por TDIC's são um conceito originário da tecnologia da informação (TI), uma vez que, possibilita a comunicação por outros meios como rádios, jornais, TV, entre outros.

Para os gregos o termo tecnologia vem de *thécne* a qual define-se por arte, técnica ou ofício e *logus*, razão, ou estudo de algo. Representa a ação por meio de pesquisa, produção de algum produto e o planejamento que definem o processo tecnológico (DAMARIS, 2019). Com isso

surgem novas metodologias, diretrizes de ensino e aprendizagem do aluno no referido processo, emergindo um conceito de metodologia denominada “ativa e híbrida” a qual dá ênfase ao aluno e ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo de ensino/aprendizagem de forma flexível, interligada e híbrida. De acordo com Valente (2018), o ensino híbrido é uma abordagem pedagógica que combina atividades presenciais com às realizadas por meio das TDIC’s. Segundo Barcich e Moran (2015), o sistema é híbrido porque todos somos: aprendizes e mestres, consumidores e produtores de informações e de conhecimentos.

Em relação ao ensino híbrido, a mesma autora, explica que, esse acontece devido ao contexto de uma sociedade imperfeita, contraditória em suas políticas, em seus modelos, em seus ideais e nas práticas. Contudo, com o surgimento da pandemia, alunos e mestres adaptaram-se a nova realidade digital e pedagógica, pois nesse formato o ensino-aprendizagem trouxe consigo autorresponsabilidade e adaptação face ao uso da tecnologia digital da informação e comunicação.

As TDIC’s trouxeram consigo facilidades *versus* complexidade no âmbito educacional, ou seja, uma quebra de tabus e preconceitos ao novo que surge de maneira inesperada, alterando a forma de trabalhar, de se comunicar e de aprender.

Assim, os aplicativos de informação e comunicação utilizados nesse período foram: *WhatsApp, Zoom, Microsoft Teams, Classroom*, entre outros, os quais tornaram-se plataformas auxiliares para professores e alunos durante o estado de pandemia. Entretanto, a indagação que surge é: qual a eficácia dessa modalidade de ensino realizada de forma emergencial e quase improvisada em substituição às aulas presenciais se a experiência foi válida e se o aprendizado foi produtivo. Bem como, quais as dificuldades enfrentadas pelos professores de Dança e alunos durante esse tempo no uso dessas tecnologias.

Para os autores Barcich e Moran (2015), o sistema de ensino chamado de Ensino a Distância (EaD), menciona que antigamente a educação era presencial e com o avanço da tecnologia os estudos também receberam algumas reformas assim como um curso a distância. Sendo que, essa modalidade inicialmente não passava segurança aos usuários.

Cumpramos ressaltar que a realização das atividades pedagógicas não presenciais não se caracteriza pela mera substituição das aulas presenciais, mas pela inclusão do uso de práticas pedagógicas mediadas ou não por TDIC’s, que possibilitem o desenvolvimento dos objetivos de aprendizagem e habilidades previstas nas propostas pedagógicas passíveis de serem alcançados através destas práticas.

Segundo o censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no Brasil, em 2018 a educação a distância correspondeu a 40% do total de ingressantes no ensino superior e desde então, a participação desse segmento nas inscrições mais que dobrou.

A edição da Portaria do MEC n.º 343/2020, autorizou, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, vedando essa autorização, no entanto, às práticas profissionais de estágios e laboratórios.

A UEA no período de pandemia:

A Universidade do Estado do Amazonas-UEA por meio do programa PRÓ-INOVALAB e o Núcleo de Educação a Distância (NeaD), realizou na modalidade EaD em 2020 o curso de Formação em Novas Tecnologias Aplicadas a EaD aos seus professores. Com duração de uma semana, o curso teve como objetivo principal formar professores para utilizar recursos básicos do AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem da UEA) para desenvolvimento de atividades educativas online com a utilização de recursos digitais.

Em relação especificamente a participação dos professores da ESAT no curso AVA deu-se a seguinte apresentação conforme dados da UEA: dos 73 inscritos, 56 concluíram o curso, obtendo assim índice de aproveitamento de 77%. Também foi realizada uma pesquisa sob o nível de satisfação com os participantes e o resultado foi surpreendente, pois 98% mostraram-se satisfeitos ou muito satisfeito com o curso.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Este capítulo aborda os trâmites metodológicos exequíveis, os principais dados encontrados e uma análise sobre os mesmos. No contexto geral, o estudo foi qualitativo, que para Minayo (2012, p. 21), “trabalha com as significações e atitudes dos participantes”. Perspectiva esta que, aborda a qualidade dos serviços ofertados pelos professores de Dança no período de *home office*. A pesquisa qualitativa é aquela em que o pesquisador, sempre faz alegações com base principalmente em perspectivas construtivistas, ou seja, “significado múltiplo, das experiências individuais, social historicamente construído com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão” (CRESWELL, 2007, p35).

Para melhor organização foram aplicadas as técnicas de estudo de campo e análise documental referente a estruturação do Curso de Dança. Sendo que esse último “permite aproximação do pesquisador com a realidade sobre a qual formulou a pergunta e interação com os atores” (MINAYO, 2012, p.61).

Com objetivo metodológico exploratório, para se chegar ao objetivo desta pesquisa, bem como investigar como alterações sofridas de atividades presenciais para formato remoto mediado pelas tecnologias digitais das informações e comunicação (TDCI's), empregadas durante a pandemia, no processo didático docente interferiu na formação de acadêmicos de licenciatura e/ou bacharelado em Dança.

A área de estudo concentrou-se principalmente na Escola Superior de Artes ESAT/UEA, onde foram entrevistados alguns professores do Curso de Dança, como critério de escolha dos docentes seguimos por esse viés: todos deveriam ter títulos de mestres, serem concursados na UEA, com no mínimo 5 anos de experiência no Ensino Superior no curso de Dança (preferencialmente). Embora a meta inicial fosse alcançar 13 participantes, porém, por motivos intercorrentes, fechamos com 9, os quais, após tramitação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido/TCLE (modelo nos Apêndices) foram entrevistados acerca de suas atuações no Ensino, Pesquisa e Extensão antes e após a pandemia.

Considerando, as questões de ética relacionada ao sigilo necessários, na análise de dados omitimos os nomes dos entrevistados como forma de resguardo de suas verdadeiras identidades,

adotando assim, nomes fictícios relacionados com nomes de árvores, como exemplo: Sumaúma, Sapopema, Castanheira, Pitombeira, Biribazeiro, Jambeiro, Ingazeiro, Cajueiro e Açaizeiro.

As entrevistas foram estruturadas como recursos de coletas de dados que, segundo Branco (2014, p.194) “pressupõe que a pessoa que vivencia ou já vivenciou, o fenômeno estudado é quem melhor o entende, o passo que o pesquisador busca aprender”. As entrevistas realizadas foram gravadas no aparelho celular, posteriormente transcritas por meio de aplicativo *Telegram* e formatadas para o formato de documento.

Após a transcrição do material colhido, houve uma suspensão fenomenológica do que é conhecido do fenômeno investigado e ao final da transcrição, ocorreu também um breve resumo das falas dos entrevistados conforme percepção do momento pela pesquisadora. Por fim, os dados tratados foram analisados com base na técnica de Análise de conteúdo (BARDIN, 2016), a qual descrevemos abaixo.

O procedimento de análise de dados durante a pesquisa foi descritivo e realizado mediante perspectiva do método qualitativo denominado de Análise de Conteúdo que para “Laurence Bardin estabelece um procedimento técnico que busca obter interferências objetivas sobre determinados textos” (BRANCO, 2014, p.191). Para Bardin (2016), a Análise de Conteúdo segue como conjunto de instrumentos de cunho metodológico em aperfeiçoamento e que se aplicam aos discursos.

Embasadas, assim nesse referencial realizamos as seguintes etapas:

- a) Organização do material a ser analisado: elaboração das perguntas, entrevistas e organização da transcrição;
- b) Exploração do material organizado: dados e informações;
- c) Conclusão: categorização e interpretação e discussão dos dados obtidos a partir das semelhanças e diferenças de respostas e contextos das mesmas.

3.1 O Perfil dos Professores

Para tanto, apresentaremos um breve relato do perfil dos professores do curso de Dança que fizeram parte dessa pesquisa com base nas seguintes informações: nome, idade, grau de instrução, sexo biológico, tempo de atuação na ESAT/UEA, daqueles que estão ativamente trabalhando como professores.

Assim sendo, foram entrevistados 9 professores, sendo que um deles também ministra no interior do estado do Amazonas. Cumpre esclarecer que nesse período de ensino remoto os professores não pararam de trabalhar e tinham que se reinventar e se adaptar frente ao uso das tecnologias para o uso de ensino aprendizagem de seus materiais.

Como mencionamos anteriormente, para fazer jus ao sigilo e confidencialidade das informações prestadas com os professores, o meio utilizado foi nomeá-los dando nomes fictícios de árvores frutíferas criado especialmente para essa pesquisa, a saber:

Participantes	Idade	Sexo	Disciplina	Tempo de ESAT/UEA	Formação
Ingazeira	41 anos	feminino	prática e teórica	8 anos	Doutorada
Cajueiro	48 anos	masculino	prática	12 anos	Mestrado
Açaizeira	33 anos	feminino	prática e teórica	11 anos	Doutorada
Biribazeiro	49 anos	masculino	prática e teórica	15 anos	Doutorando
Castanheira	67 anos	feminino	prática e teórica	22 anos	Doutorada
Sumaúma	53 anos	feminino	prática e teórica	21 anos	Doutorada
Mangueira	-	feminino	prática e teórica	19 anos	Doutorada
Jambeiro	49 anos	feminino	teórica	11 anos	Mestrado
Sapopema	50 anos	feminino	prática e teórica	20 anos	Doutoranda

Tabela 03. **Perfil dos entrevistados.** Autoria: MOTA e RAMOS (2023)

De posse dessas informações sobre o perfil dos entrevistados passaremos a apresentar as informações fornecidas pelos professores durante o período de pandemia em que, de fato apresentaremos a análise e discussão dos dados.

3.2 O Ensino Pesquisa e Extensão antes e após pandemia

Seja a pesquisa, seja a extensão são marcadas por grandes desafios, mesmo no ambiente físico, mais ainda no ambiente virtual. Por isso em relação a esse tema abordaremos as seguintes questões levantadas juntos aos professores e apontam que:

Na visão de “Ingazeira” ainda no presencial antes da pandemia, o tripé pesquisa, ensino e extensão funcionou muito bem. Já no pós-pandemia alguns projetos ficaram paralisados devido ao novo formato.

Com a pandemia começou em março e aí nós reiniciamos a aula em agosto e aos projetos de pesquisa, de extensão, aliás, projeto, por exemplo, ficou trabalhando online, fazendo criação de espetáculos online. Mas eu acho que dentro das nossas possibilidades dentro do que é o nosso objeto de estudo, essa tríade funciona muito bem, no presencial antes da pandemia.

Já o professor “Cajueiro” enfatizou a extensão que, durante a fase remota continuaram a se desenvolver por meio de processos coreográficos voltados para produção de vídeo/Dança, mesmo porque muitos alunos sendo bolsistas não poderiam parar o projeto de extensão.

Para a professora “Açaizeira” que antes da pandemia no que se refere a pesquisa era mais intensa, havia uma mobilização maior do curso de Dança.

Então, a gente [...] tinha um envolvimento bem grande, mas, eu, por exemplo, tinha uns dois, três bolsistas por semestre. Com a chegada da pandemia esse número diminuiu de dois anos eu tive um orientando só. Então você entende se eu, professora, tinha dois três durante dois anos eu tenho um então, existe uma diminuição grande desse quantitativo e de envolvimento nas pesquisas né?

A mesma professora salientou a transformação que passou a pesquisa de campo para uma pesquisa a ser de revisão bibliográfica.

A extensão também acho que tem essa reorganização. Por quê? A gente tem muitos projetos de extensão que são práticas tanto em projeto de balé clássico, projeto de jazz, projeto de contemporâneo que tem é esse aperfeiçoamento né? Essas pesquisas voltadas nesse campo do corpo, da experiência corporal. E aí isso passa para outro lugar que é entender esse corpo no virtual. Né? Então alguns projetos pararam né? E outros tiveram essa adequação para esse estudo.

O mesmo pensamento é reforçado pela professora “Sapopema” que declara que antes de fato havia uma pujança muito grande de projeto de extensão e pesquisas.

O tripé pesquisa, ensino e extensão era muito era muito intenso com a pandemia isso assim foi nossa agora que a gente está começando a retomar mais muitos projetos ainda não retornaram e eu acho que vai levar um certo tempo ainda pra gente voltar àquela atividade dinâmica que tinha.

Para a professora “Sumaúma” teve as seguintes percepções ao começar a descrever os fatos por parte a saber o: Ensino que os alunos mais afetados foram, de fato, aqueles que estavam entrando na faculdade, os calouros sofreram mais porque entram sem nenhuma aula sistemática de dança. Também percebeu um esvaziamento das turmas durante esse período:

a gente sentiu até um esvaziamento assim das salas, é as turmas mais adiantadas que já estão no bacharelado na licenciatura, eu senti que eles conseguiram se manter mais firmes porque eram turmas menores e a gente conseguia se articular melhor

Na pesquisa, a entrevistada relata que tinha alunos de iniciação científica, a qual foi bastante prejudicada. Também se alinha a fala da professora “Açaizeira” que mencionou que as pesquisas que antes tinham o campo como atuação transformou-se em bibliográfica. E finalmente, no que tange a Extensão, a entrevistada afirma que parou, uma vez que antes havia a relação da universidade/comunidade.

Eu mesma faz tempo que, eu não tenho mais curso de Extensão e aí eu fui tentando apostar mais no projeto de pesquisa, o PAIC? de iniciação científica

A professora “Castanheira” relatou a situação inédita de que não viu diferença entre o antes (presencial) e pandêmico (remoto), uma vez que segundo ela retornou da mesma forma que se fazia antigamente de forma presencial:

Realmente o que mudou muito e o que impactou foram os dois anos de pandemia, né? Mas anterior à pandemia e pós-pandemia eu vejo que as duas coisas estão como se não houvesse né? Esses dois anos de interrupção nesse nosso fazer pedagógico, né? Então antes funcionava uma forma, que voltou a funcionar dessa mesma forma.

Com bases nesses relatos é possível perceber que, antes da pandemia, o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão eram realizados de forma intensa no curso de Dança e que todos os professores participantes dessa pesquisa constatam que, pós-pandemia pesquisa, ensino e pesquisa não deixaram de acontecer totalmente, mas, ainda caminha a passos curtos.

A professora “Jambeira” começou relatando que são três aspectos e momentos bastantes diferentes para cada uma, pesquisa, extensão e graduação. Que em relação à pesquisa notadamente ao PAIC percebeu que no período pós-pandemia existiu um interesse maior. Com relação à Extensão não soube responder. Já a graduação teve a seguinte percepção em relação aos seus alunos:

Tá meio dividido alguns voltaram bem interessados bem motivados. Outros ainda parece que estão precisando de um empurrão, sabe? Pra voltar as atividades. Talvez pelo fato de ser temos ficado quase dois anos, né? Fora da daqui pra unidade sem aquela rotina virtual

3.3 Principais dificuldades encontradas pelos professores

O ensino por si só é marcado por grandes desafios, seja no ambiente físico e ainda mais no universo virtual, remoto, EaD, tanto por professores, quantos por alunos no que tange as práticas, metodologias e estratégias para uso do ensino/aprendizagem. De acordo com outros artigos publicados sobre esse mundo virtual na relação professor/aluno de maneira geral há uma baixa troca de informações entre esses atores. De acordo com MOREIRA (2020, p. 3) “os indivíduos avançam ao seu ritmo e participam quando lhes é mais conveniente”.

Assim, nesta pesquisa podemos identificar as principais dificuldades mais frequentes que, diga-se de passagem, são parecidas as respostas dadas pelos entrevistados, do ponto de vista do professor.

O professor “Ingazeiro” relata que suas principais dificuldades foram com o uso do aplicativo e as plataformas digitais:

Eu não sabia nem o que era *google meet*, aí você tinha que aprender a mexer na plataforma, e aí o *delay*, o menino e a câmera não pega e a voz não sai, os meninos escondem atrás da câmera, desligam a câmera e começam com o *é* que sabe se o menino tá atrás da tela, ouvindo a aula.

Porém, essa questão nos mostra outra realidade segundo o professor entrevistado que é a de cunho social, pois alguns alunos não tinham aparelho celular para acompanhar as aulas. Para o professor “Cajueiro” sua dificuldade primeiramente foi em lidar com esse novo momento em que estávamos vivenciando principalmente na mudança do presencial para o ensino remoto e posteriormente para ele também restava saber qual a melhor plataforma a ser utilizada no trabalho com os alunos. A professora “Açaizeira” relata que a sua dificuldade foi no quesito organizacional, seja para ter um plano, seja para o conteúdo:

Então, como que eu ia me adequar a essa realidade de não tá no presencial e vim entender que aquela quantidade de conteúdo não ia ser possível ser abordada da forma que eu estava planejando

A entrevistada também relata que, os alunos não tinham internet suficientemente para baixar os vídeos das aulas, o que atrapalhava o conteúdo (teoria) a ser ministrado para as aulas práticas e o desempenho dos alunos.

Uma situação relatada pela professora “Sapopema” se assemelha com o desafio vivido pelo professor “ingazeiro”, quanto ao aluno no que diz respeito a uma boa conexão de internet para que eles pudessem participar da aula remota:

Uma boa internet e enfim eu tenho a gente tá num lugar assim mais de privilégio né? Mas, os alunos não. Então, muitos deles tiveram muita dificuldade de participar das aulas ou participavam só metade da aula. Ou não assistiam a aula. Então a internet cai.

Para a professora “Sumaúma” o esquecimento dos alunos e a dificuldade em se concentrar foram dificuldades encontrada por ela, uma vez que houve a necessidade de ficar repetindo a mesma informação.

Para professora “Castanheira” relatou que teve todas as dificuldades, dentre estas principalmente em relação ao novo formato remoto de ensino, uma vez que, tanto ela quanto os seus alunos nunca haviam experimentados, custo com aquisições de equipamentos: computadores, câmera, roteador e ausência de relação de proximidade entre os atores envolvidos nesse processo:

As relações afetivas impactaram demais, né? Primeiro que você nunca tinha a certeza que o aluno estava do outro lado. Que eles lhes deixavam e não assistiram a aula. Então as perdas com relação a conhecimento foram imensas. Que a gente não tem nem como mensurar.

A entrevistada também traz um relato interessante ao afirmar que as dificuldades foram gerais, ou seja, alunos, professores e todas as pessoas que estavam passando por todo tipo de desafio. Além disso, pontua e reforça a fala de outros entrevistados de que a maioria dos alunos

não tinha celulares para assistirem às aulas e quando possuíam assistiam em espaços físicos inadequados para a prática. Outro desafio citado que também impactou negativamente o conhecimento foi:

Afora tudo isso, nós tivemos que lidar com as perdas, né? Aluno, que desistiu ou porque perdeu um parente! Às vezes muito próximo um pai, uma mãe, né? Um irmão, então nós mesmo perdemos vários amigos, né? Que a gente muitas das vezes tinha que ir pra frente da sala, ministrar aula, sabendo que tinha acabado de morrer um homem. Então é essas coisas impactaram muito no nosso emocional né?

A professora “Jambeiro” mencionou que, a principal dificuldade foi não ter tipo preparo ou capacitação adequada apesar de todo conhecimento sobre o AVA mas, para ela não funcionou e teve que ir em busca de conhecimento:

E a gente não está preparado pra isso eu fui formada pra ser professora de sala de aula presencial com toda a rotina que a gente está habituada. Então foi um desafio grande eu tive que aprender bastante coisa, mas depois que eu comecei a me interessar por isso, eu comecei a parar mais de tá fazendo pesquisa, de procurar melhorar cada vez mais a minha forma de dar aula

Outra dificuldade enfrentada por ela foi que muitos alunos não podiam estar online pra assistir a aula. Porém, uma fala que chamou atenção foi sobre a sobrecarga que para ela triplicou no período de pandemia em consonância com Guimaraes et al. (2020, p. 10), “o desafio imposto pela pandemia foi em conciliar trabalho e estudo no ambiente doméstico, já que houve aumento da quantidade de atividades domesticas em decorrência do isolamento social”.

A gente não tinha mais um horário fixo pra trabalhar. Porque o aluno às vezes precisava de atendimento quando ele tinha internet disponível. Às vezes ele saía, conseguia um *wifi* em algum lugar. É por alguma necessidade precisava sair aí isso acabou fazendo com que a gente trabalhasse bem mais do que as horas, né? Dedicadas oficialmente pra disciplina que você estava dando aula.

3.4 As modificações nas estratégias metodológicas

Com relação às estratégias utilizadas na parte metodológica no que se refere o emprego mediado pelo uso de tecnologias o professor “Ingazeiro” considera o tempo de duração da aula nesse período para evitar o cansaço das aulas para tanto teve que mudar suas estratégias, o que iguala ao relato de Negrão et al. (2021, p. 50) “cabe aos docentes e demais envolvidos o exercício de renovar-se frente aos desafios expostos pela educação por meio das telas, respeitando a si mesmos, suas emoções, seus percursos formativos, mas ampliando sua visão de mundo para o (novo) cenário que permeia o âmbito educacional”.

Quatro horas com eles no *Google Meet* você tinha que ficar só um horário, uma hora e meia ali, porque é muito desgastante com a internet, eles não tinham internet, já é cansativo na sala de aula e ainda mais via *Meet*. Então, a gente tinha que alternar no tempo de aula

e no outro tempo tinha que ter outro direcionamento de trabalho independente, mas você ali no grupo do *WhatsApp* e tendo que trabalhar o mesmo conteúdo que você sempre trabalhou antes da pandemia, então essas e outras foi mesmo mais que eu aprendi muito, foi realmente outra metodologia de trabalho.

Para a professora “Açaizeira” mudanças precisariam ser feitas devido ao novo formato de ensino remoto. É o que declara Freire (2013, p.58): “significa olhar com outros olhos, perceber o que não está obvio, criar possibilidades e trilhar por um outro caminho que retire o peso, erro e justifique um novo entendimento”.

Então, houve um que antes da pandemia eu tinha 30% de teoria e 70% de prática, durante a pandemia, eu tenho quase uma equiparação. Eu fico com 50% de teoria e 50% de prática né, pensando que eu preciso mais nesse momento fazer com que esse aluno entenda o que ele tem que fazer na teoria pra depois passar pro corpo de forma que eu não vou estar lá

A professora “Sapopema” menciona que teve que repensar e reestruturar a sua metodologia, seja na elaboração de novas estratégias, pensando no aluno que caso não tivesse acesso à internet seus estudos não pudessem ser prejudicados. Assim, ela deixou todas as aulas disponíveis caso necessitassem assistir a posterior, pois, a função do docente é “facilitar os diálogos com os saberes, respeitando-se a diversidade e as características de cada um dos participantes do processo educativo, aceitando-se cada aluno como um ser indiviso” (SANTOS, 2006, p. 80).

Foi uma virada de chave, em compreender e reestruturar toda a minha forma de utilizar as tecnologias porque aí eu passei a usar de fato de direito. Né? De uma forma muito efetiva. E isso está refletindo hoje na minha prática profissional né?

A professora “Sumaúma” em sua fala diz que sim, e utiliza uma metodologia que a chama “de casa”, considerando que foi a que ela conseguiu desenvolver no tempo da pandemia. E trata-se de uma forma de afastamento breve e de observação de si próprio.

Tento trabalhar com os meninos, mas eu confesso que ainda não consegui, eu vou, começo, falo sobre ela, acho que inclusive esse momento é a quarta disciplina que eu dou e que eu falo, a terceira, acho que a terceira disciplina que eu falo sobre ela e em cada disciplina eu vou tentando dar mais um foque num lugar, mas ao mesmo tempo, eu tenho uma escuta muito aberta pra necessidade do aluno, então, às vezes eu vou perceber, “não, ainda não é o momento, não é ainda.” É, então eu mudo a estratégia também. A gente vai tendo que adaptar mesmo, tem que ter essa escuta.

Para professora “Castanheira” que não era muito habituada ao uso da tecnologia, precisou rever o conceito, uma vez que, tudo passou a ser realizado no modo virtual, no remoto, para tanto, a mesma, passou a realizar suas tarefas como os trabalhos acadêmicos, as atividades, os questionários e vídeos por meio das plataformas *Classroom* e *Google Meet*.

De ministrar pra disciplinas teóricas, né? Porque eu imagino que os professores das disciplinas práticas tiveram que fazer com as suas metodologias, né? Como é que era isso? Como é que isso acontecia, né?

A professora “Jambeiro” trouxe como fala que, realizou sim modificações em sua metodologia recorrer a vídeo aula, imagens, infográficos. Utilizou também a lousa do *Google Meet*

os trabalhos foram enviados via e-mail, criou um e-mail específico e salas que colocava os materiais, livros em PDF e vídeo aulas do *YouTube* entendendo a ser uma didática de fácil de compreensão e assimilação.

Nota-se, portanto, que os professores entrevistados precisaram modificar suas estratégias metodológicas sob pena de embarçar a transmissão do conhecimento, de acordo Freire (2013) o papel do professor tradicionalmente confinado a transmissão do conhecimento, teve de evoluir e o professor de hoje de tem de ser um gestor de sala de aula, um organizador da aprendizagem, detentor de um conjunto de competências didáticas e das inerentes matérias que leciona.

3.5 O professor e as TDIC`s

A percepção do professor de Dança sobre as TDIC`s tem a ver com que tipo de ensino trouxe experiências que por si só é marcado por grandes desafios.

O professor “Ingazeiro” ele não soube responder com clareza se conhecia ou não as TDIC`s apesar de ter feitos alguns recortes da tecnologia. Também respondeu que não tinha nenhuma formação na área. Quanto ao apoio dado na formação quanto as TDIC`s o entrevistado respondeu que não, mas cita o curso de AVA sendo que no final cada um teve que se virar para aprender sobre:

Então são outras formas de lidar com a tecnologia. E quanto a gente não teve esse suporte porque se preocupou com a parte tradicional do ensino, né? Mas nessa parte não.

A mesma situação é relatada pelo professor “Cajueiro” respondendo também que, não conhecia as TDIC`s e que não teve nenhuma formação na área. Quanto ao apoio dado na formação quanto os TDIC`s pela UEA o entrevistado respondeu que não, mas, cita o curso sendo este muito complicado de operacionalizá-lo preferindo usar o *Google Classroom*.

De igual modo, a professora “Açaizeira” não respondeu à pergunta, porém acabou divagando sobre os temas que não eram pertinentes a esse item:

Modificação pandêmica, reorganização metodológica que foi feita durante a pandemia me possibilita ter um olhar muito mais específico e perceber essas minuciosidades individuais de cada aluno.

Para a professora “Sapopema” respondeu antes entendia, mas que, agora não entende mais. Contudo, ela sabe que é mediado por uma tecnologia:

Uma outra situação que eu achei positiva foi a possibilidade de nós termos uma Ação de alunos que, por exemplo estavam em São Gabriel da Cachoeira. E eles assistiam as minhas aulas normalmente.

A professora “Sumaúma” relata a mesma situação vivenciada por outros colegas seus de não conhecer a sigla das TDIC`s, mas, após relata que sim e que até trabalha com eles. Mencionou também que teve formação na área, mas de forma indireta. Quanto ao apoio dado na formação quanto as TDIC`s pela UEA, respondeu que sim por meio do AVA, porém, como os outros colegas professores entrevistados também preferiram usar o *Classroom*.

A única coisa que a tecnologia nos ajudou, colaborou foi no curso AVA que eu comentei. Somente esse que aconteceu aí vez outra tinha alguma que eles sugeriam, mas diretamente junto com o professor foi o curso AVA, né? Com essa plataforma é que foi bem interessante, é bem poderosa a ferramenta, mas acabou que a gente pouco usou, a gente usa mais o *Classroom*.

A professora “Castanheira” também respondeu que não entendia nada das TDIC`s e que não tinha nenhuma formação na área. No que, se refere ao apoio dado na formação quanto as TDIC`s a entrevistada respondeu que não houve, a não ser o curso de AVA mas, de forma geral, tudo era por conta do próprio professor. A fala da entrevista coaduna com a mesma situação relatada por outros entrevistados.

A professora “Jambeiro” também não respondeu com clareza a pergunta. Declarou também que não teve nenhuma formação na área. No que, se refere ao apoio, a entrevistada respondeu que não houve a não ser o curso de AVA.

3.6 O emprego das Avaliações

Com relação a esse tópico, o modo de como foram realizadas as avaliações dos alunos nessa fase em que tudo que, está relacionado ao ensino precisou se adaptar, se reinventar e sobretudo achar outras formas de avaliações que não as tradicionais, face ao novo contexto em que se inserem aluno/professor. Porque antes, em geral, se faz avaliação por meios de instrumentos que aferem a reprodução do que foi ministrado em determinado período (SANTOS, 2006).

Para tanto, a professora “Ingazeira” decidiu realizar as práticas avaliativas de seus alunos, sendo feitas por meio da observação. Ou seja, o aluno gravava sua composição coreográfica e enviava pelo *Google Meet* também chegou a recorrer a outro aplicativo denominado de *Zoom*, também era enviado por e-mail:

Mas a gente na hora da avaliação, usou muito as gravações, eles gravavam no próprio celular e mandavam o vídeo, né? As aulas coisas práticas funcionaram muito assim e quando acontecia uma prática síncrona, era eu ia pro *Zoom*, ia porque a tecnologia de compartilhar melhor o áudio, né? Mas, pra avaliar eles mandavam o vídeo.

A entrevistada mencionou que também usava uma plataforma com o nome *Pad Web* que podia enviar os vídeos e exercícios mais corriqueiros.

O professor “Cajueiro” acrescentou que realizou avaliação com alunos e que para verificar a aprendizagem se fosse pedido a parte teórica eram usados formulários e fichamentos e se fosse a prática necessitaria de uma produção de vídeo/dança.

Quanto as avaliações foram realizadas e tive que, eles reproduzissem vídeos, e me mandasse por e-mail, drive dentro da proposta estudada naquela atividade, ali pude observar se a prática do movimento, prática corporal, estava condizente com o conteúdo. As avaliações de Seminário foram também utilizadas e usamos o *Google Meet* o que foi também muito interessante, inclusive pra “mim” foi até melhor em termos de visualização porque estamos ali diante e diferente quando se usa Datashow em sala de aula.

Para a professora “Açaizeira” mencionou que, antes de mais nada, ela teve uma preocupação maior com a teoria. Procurando perceber se o aluno estava tendo consciência de que ele estava fazendo e conhecia o que ele de fato estava passando. A partir disso:

O momento que eu percebia que isso estava claro e entendido, é nessa conscientização do que eu tinha que fazer a gente passava para a prática e aí na prática a gente conversava, eu pedia para que não precisava fazer um espaço, mas para a gente experimentar precisava que eles tentassem abrir as câmeras vez ou outra, conseguia ou não, mas eu sentia que tinha esse retorno e essa vontade muito dele, sabe? Nesse sentido, não que tenha mudado a forma de avaliação, mas a forma de organizar essa avaliação aqui do teórico quanto prática pra que de fato a gente tivesse esse entendimento daquilo que tem que tá consciente pra que possa reverberar no corpo.

A entrevistada também afirmou que realizou as avaliações com seus alunos de forma mais prática possível, ou seja, dividia a turma de 30 em grupos de 5 para conseguir uma avaliação eficiente.

Para a professora “Sapopema” de igual modo realizou avaliações utilizando as tecnologias digitais. Nas suas avaliações, portanto, foram feitas utilizando recursos de muitas filmagens como vídeo/dança, vídeo/arte os quais estão em seu site.

Eles se filmando no ambiente de casa onde eles estavam pra que a gente pudesse compreender também o espaço que esse aluno estava pra gente perceber também e ter uma noção das dificuldades porque muitos tinham um espaço amplo, mas outros viviam em cubículos então tudo isso era uma forma de pra que eu pudesse criar e recriar as minhas metodologias.

A professora “Sumaúma” afirma em sua fala que realizou avaliações por meio de vídeos e fichamentos.

Então, eu fiz muitas avaliações, basicamente eram vídeos ou vídeo-danças e fichamentos. E às vezes uma imagem que eles tiravam deles trabalhando, do processo, né?

A professora “Castanheira” também realizou as avaliações com seus alunos e as notas eram computadas por meio de várias atividades, questionários, leitura de textos, fichamento e ao final

do período somava-se as notas vindas desses procedimentos. Com relação às provas práticas, a entrevistada declarou que fazia suas avaliações através da aplicação de trabalho:

Não fiz nem AP1, nem AP2 que era da forma presencial, mas só através de atividades, cada atividade tinha um valor, depois somava-se todas essas atividades e tinha-se a avaliação de AP1 e AP2

A professora “Jambeiro” resolveu na concepção dela abolir nesse período o modelo tradicional de aplicação de prova. Então a mesma adotou a realização trabalhos, lista de exercícios dando um prazo para que os alunos enviassem a ela via e-mail da turma para serem corrigidos e não cumprindo isto ou se esgotasse o prazo, realizava-se a prova.

3.7 Resultados

Os resultados contribuem para o entendimento do período pandêmico experimentados por esses profissionais do ensino superior no quesito ensino/aprendizagem a partir do uso das novas tecnologias na fase de aulas remotas, o que segundo eles trouxeram limitações ao trabalho pedagógico por meio das mídias usadas. E dentre as descobertas com a pesquisa temos:

- ✓ Ausência de formação continuada em tecnologias digitais
- ✓ Limitação de conexão em rede e acesso à internet.

As conclusões inferem a necessidade de investimentos no âmbito educacional, tanto em recursos tecnológicos, quanto em formação docente, além disso, o ensino remoto exige a adoção de uma cultura tecnológica no âmbito do ensino, pois, em muitos lugares, ainda trilha os primeiros passos nesse ecossistema de inovação conforme Barcich e Moran (2015. p.7) “preparar professores para lidar com esses recursos de forma criativa e original, contribui para que venham alternativas de trabalho em sua prática profissional”.

O cenário vivido por esses professores no período pandêmico foi grande desafio para maioria deles ao se depararem com o uso das tecnologias TDIC’s se reinventaram, se abriram para o novo cumprindo brilhantemente suas missões durante o período analisado. Também é o que pensam (BARROS et al., 2021) que o desafio do ensino remoto exige preparo técnico, domínio teórico, competências e habilidades e didáticas para ensino com tecnologias digitais.

Dos conteúdos abordados e emergentes nas entrevistas com os docentes do curso reflete-se que quanto aos objetivos da Universidade centrada no trinômio: ensino-pesquisa-extensão os desafios foram diversos, houve uma enorme diminuição tanto das pesquisas, dificuldades desde

espaciais, o próprio professor deparou com a dificuldade de ter o material apropriado para ministrar sua aula, muitos tiveram que investir de seu próprio bolso, comprando, câmeras, pacote de uma boa internet, *ring light*, investimento até monetário nos alunos (de uma turma de 12 alunos o professor entrevistado pagou para 10 poderem assistir uma aula de uma companhia remotamente) pois muitos dos alunos, tinham dificuldades financeira de ter um aparelho para receber o ensino e até mesmo espaço físico enquanto para realizar seu estudo corpóreo e teórico; interessante que as, incertezas quanto momento pandêmico que atravessava-se de saúde, morte diárias de amigos, conhecidos, parentes, frente a continuidade ao estudo de novas metodologias para aplicar no ensino. Qual plataforma usar?

Segundo “Açaizeira” algumas reflexões como ensinar aulas práticas por via remoto, conteúdos de aulas práticas em especial que presencial tinham cargas horarias “X” de 60% e 40% teórica por exemplo práticas e em meio ao ensino remoto precisou pelo tempo na plataforma repensar o ensino e aplicação, já que a Dança precisa de contato, visualização, espaço, tempo, toque e em meio virtual não havia essa possibilidade.

Logo em uma das entrevistas idealizou-se e objetivou que o aluno se entende o conteúdo e em meio a percepção e claro entrando o fator empatia, resiliência pois todos enfrentavam um ano pandêmico, um caos epidemiológico, que segundo relatos de “Castanheira”, “parecia que não ia acabar!”

Por outro lado compreender e entender que o professor já não tinha o espaço geográfico para ministrar sua aula, e tanto ele quanto o aluno estavam em condições limitantes e desafiadoras então uma das entrevistada respondeu: “ já que eu estava com mais tempo porque estava em casa então eu fui experimentar os movimentos e estudar a construção das células e me deparei com as dificuldades do espaço, do filho entrando em meio a aula, do pai do aluno que passava na frente da câmera, do aluno que tinha vergonha de mostrar seu espaço que as vezes era só corredor entre a cama e o guarda roupa”. Então encorajar esse aluno e ser empático tanto no tempo de entrega de seus trabalhos quanto encorajá-lo de cunho social: “não tem problema utilizar seu espaço, isso transmitiu confiança.” Então a pesquisadora se depara com o depoimento: “Me tornei, mas flexível e porque não uma pessoa melhor, mas empática!”

Outros relatos os **desafios** foram diversos desde saber o que era o Google Meet, a alunos que interagisse com a sala virtual, não somente tivesse on line. Mas que interagissem, pois, a câmera de muitos ficava desligada, mas a maior das dificuldades foi de cunho social que ao menos o aluno tivesse um aparelho celular, pois ainda que a Universidade tenha disponibilizado um chip para cada aluno.

Outras dificuldades estavam no tempo que a internet nas plataformas possibilitava, se presencial tínhamos quatro horas na plataforma:

Não tinha eh muitas alternativas porque assim vamos dizer a gente tinha uma aula que era a tarde inteira quatro horas você não podia ficar quatro horas com ele no Meet. Você tinha que ficar só um horário, uma hora e meia ali, porque é muito desgastante com a internet, eles não tinham internet, não tinham o que e aí é cansativo, já é cansativo na sala de aula e ainda mais via Meet. Então, a gente tinha que alternar sim e no tempo de aula e no outro tempo tinha que ter outro direcionamento de trabalho independente, mas você ali no grupo do WhatsApp e tendo que trabalhar o mesmo conteúdo que você sempre trabalhou antes da pandemia, então essas outras o que foi mesmo, mas que eu aprendi muito, foi realmente outras metodologias de trabalho. [...] Achei, isso muito bom! porque até hoje a gente tá usando, muita coisa, por mais que tenha voltado para o presencial, mas a eu pelo menos gostei tanto de alguns que é mais proveitoso daquele jeito e eu continuo utilizando [...]

A pandemia trouxe desafios pedagógicos que muitos dos professores permanecem utilizando as plataformas, outros aderiram o Google Meet, Zoom, grupo Whatsapp, utilizam principalmente para os projetos de extensão, outros eliminaram as plataformas, pois perceberam a falta de comprometimento do aluno pois a insegurança de não saber se o aluno estava atrás da câmera, pois a mesma permanecia desligada durante as aulas.

Segundo os relatos dos entrevistados encontrou-se muita dificuldade de trabalhar com o sistema AVA, mas a vantagem que esse sistema trazia era de saber em que momento o aluno acessava quanto tempo ficou na plataforma, de qual acesso teve se de celular ou computador, ele tinha um tipo de correio para receber os trabalhos e posterior isso finalizava o depósito. Vale ressaltar que um adendo dos 13 entrevistados, mas somente nove selecionados um deles comentou que já tinha preparo, desde o contato e treinamento em uma outra instituição com o AVA, mas não teve dificuldade. Porém já os nove entrevistados, oito não tinha treinamento em TDIC'S, ou curso.

Outro desafio encontrado foi sobre a carga horaria de trabalho devido o cunho social de alguns alunos algumas vezes por não ter internet era atendido em outro horário, porém, a professora “jambeiro” relata que foi preciso um compromisso maior que no presencial, pois o remoto, sobrecarregou suas atividades. Se por um lado no presencial existia um tempo, no ensino remoto aumentou a carga, por conta de relatórios, atendimento a aluno fora do horário.

Professores da noite para o dia tiveram que deixar o pincel de quadro para assumir os aplicativos e softwares para continuar o ano letivo. Essa prática foi feita de forma abrupta e com planejamentos fragilizados, sem uma formação para os professores, acarretando impactos positivos e negativos no sistema educacional brasileiro, conforme sua diversidade social e econômica (ANDRADE; NEGRÃO; VILAÇA, 2021, p. 2).

3.8 Entrevistas

Apesar do material discutido sucintamente, abaixo consta (somente como complementação), algumas falas na integra para melhor seja averiguado o contexto geral descrito pelos professores acerca do objeto de estudo investigado.

TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS	
ENSINO	<p>“O tripé pesquisa ensino e extensão era muito era muito intenso com a pandemia isso assim foi nossa agora que a gente está começando a retomar mais”</p> <p>“no ensino... por se tratar do curso de dança eu senti que os alunos principalmente aqueles que estavam entrando na faculdade sofreram mais porque eles não tinham tido contato nenhum, muitos alunos entram mesmo sem nenhuma aula sistemática de dança. Então é aqui na universidade que eles vão realmente se preparar, vão estudar. A sorte que a UEA, levou quase seis meses pra gente realmente começar a dar aula e nós descobrimos outras formas de fazer. As reuniões colegiadas foram muito importantes pra gente conversar entre si e trocar ideias sobre essas metodologias e aprender.”</p> <p>“nós, nos adaptamos ao período pandêmico, né? Por exemplo, e as aulas que a gente encontrou o caminho de usar o AVA, aí daí o Google Classroom pra trabalhar.”</p> <p>“mesmo com o retorno das atividades presenciais tanto das escolas básicas como aqui da universidade, a gente continua fazendo as atividades remotas”.</p>
	<p>Conhece o TDIC’ S? Tem formação?</p> <p>“Não. Nunca...”</p> <p>“Não sei exatamente eu acho que alguma coisa de tecnologia, de estudo.”</p> <p>“Formação não, sempre foi mais pela minha curiosidade. Eu comecei a ler a respeito de professor três ponto zero, né? E aí eu fui começar a tentar trazer isso pra poder acompanhar os alunos que eu tenho, que a maioria jovem tão acostumados muito com essa parte de rede social, tecnologia dia então por causa disso eu acabei aprendendo a usar certas coisas que não são muito comuns pro professor trabalhar, usar Canvas. O subsídio no YouTube.”</p> <p>“Muita coisa a gente via síncrono Google no Meet eu conseguia, mas por exemplo eu tive que recorrer ao zoom porque o Zoom tinha uma tecnologia um aparato que era que era você colocar e compartilhar o áudio que o não tem. Aí eu tinha que eu compartilhando o áudio eles ouviam melhor o áudio que eu ia colocar”.</p> <p>“Teórica foi muito pra plataforma Google Forms [...]”.</p>
	<p>Quanto ao fomento da TCD, a UEA proporcionou?</p> <p>“[...] eu tive que, eu tô falando de mim especificamente, mas todos os professores tiveram acesso. Nós a utilizar de algumas plataformas digitais, educacionais. Fizemos muitos cursos, eu pelo menos fiz alguns cursos, inclusive é dessa parte de educação e tecnologia com professores da PUC, né? Então é o curso também de gamificação da educação, tudo isso pra que eu pudesse reelaborar aquilo que eu fazia na prática presencial é de numa prática é presencial, mas mediado pelas tecnologias porque não considero mais que uma tela, né? Onde eu estou dando aula ao vivo pra um aluno, seja uma aula virtual, pra mim ela é uma aula presencial, mas mediado pelas tecnologias, porque eu estou vendo meu aluno ali naquele momento, né? [...] pra mim foi muito interessante foi que eu deixava as minhas aulas todas disponíveis pra que eles pudessem assistir posteriormente aqueles que não puderam assistir porque estavam sem internet. Então eles pediam autorização, eu dava acesso ao drive e aí eu estava assistindo ou não [...] que eles pudessem estudar a movimentação, também e-books, textos em PDF, é vídeos do YouTube, é as avaliações eu utilizei muito filmagens, né? Eles se filmando no ambiente de casa onde eles estavam pra que a gente pudesse compreender também o espaço que esse aluno estava pra gente perceber também e ter uma noção das dificuldades porque muitos tinham um espaço amplo, mas outros [...]tudo isso era uma forma de pra que eu pudesse criar e recriar as minhas metodologias”.</p> <p>“[...] e eu precisava experimentar. E aí eu saía um pouco daquele lugar do comando, da mediação pra execução também”.</p>
<p>Fatores do movimento x Pandemia</p> <p>“Dentro desse ambiente explorando todas essas potencialidades dos elementos do movimento: A sala antes da pandemia a sala de prática é uma sala que não tem nenhum elemento nenhum objeto que nos impeça de se movimentar com casa, como a gente teve que fazer vários processos em casa, então eu não desconsidere sofá, mesa, cadeira, nada, eu pedi pra que eles interagissem com esses elementos e trouxessem uma nova percepção de espaço em relação ao movimento aplicado naquele momento, né alguns movimentos foram dentro é exigido dentro dos fatores do movimento de fluência, peso, espaço e tempo considerando os elementos que estavam ali naquele espaço um muitos deles utilizavam o próprio quarto outro uma área de serviço, a sala. Então, eles desenvolviam atividades práticas de acordo com esses ambientes.”</p> <p>“Aí eu tive que é usar várias estratégias como assim ó, preciso olhar a espacialidade pra saber o que que a gente pode fazer nesse lugar, né? Porque o meu lugar é diferente do teu que é diferente do</p>	

		<p>outro, é diferente do outro, né? E aí eu preciso olhar pra gente ver junto, né? As potencialidades desse corpo nesse lugar. Aí foi quando eles foram abrindo as câmeras”</p> <p>“Compreender o outro, pelo colocar no lugar experimentando, vivenciando credibiliza e abre as janelas do virtual para mundo real. Mas tudo porque essa fala vem carregada de vivencia, de experiência dando autonomia!”</p>
DIFICULDADES	Quanto aos alunos?	<p>“o primeiro era a espacialidade, o outro era a vergonha de mostrar o seu lugar, eles não declaravam isso, mas eu em algum momento assim eu percebi”</p> <p>[...] Então é aqui na universidade que eles vão realmente se preparar, vão estudar, vão ter que ganhar consciência corporal e aí a disciplina de consciência corporal, de fazer tudo remoto é muito difícil. E no momento em que pegou a gente bastante despreparado”</p> <p>“Nós fizemos um curso que foi oferecido pela reitoria pra usar um sistema chamado AVA que pra mim não ficou claro não pra mim o curso não foi muito satisfatório. Então por minha conta eu comecei a estudar ou outras coisas. Eu fui olhar no YouTube eh a respeito de como é que funcionava o flash e tudo que tem dentro. Fui aprender como é que funciona o Google Forms. Então por conta dessa mudança né? E a gente não está preparado pra isso eu fui formada pra ser professora de sala de aula presencial”</p> <p>“[...]a gente tinha que sair daquele campo do ensino tradicional pra um ensino de outras mídias de trabalho independente de trabalho em grupo, de outras formas mesmo de fazer, como é que esse aluno vai me mostrar esse conteúdo de uma forma que eu não tô conseguindo expor pra ele ali e online não, tem um. Demonstrando ao vivo ah ele surgiu a palavra ao mesmo tempo você está ao mesmo tempo ali falando síncrono. Não tinha muitas alternativas porque assim vamos dizer a gente tinha uma aula que era a tarde inteira quatro horas você não podia ficar quatro horas com eles no Meet. Você tinha que ficar só um horário, uma hora e meia ali”</p> <p>[...] Então, a gente tinha que alternar sim e no tempo de aula e no outro tempo tinha que ter outro direcionamento de trabalho independente, mas você ali no grupo do WhatsApp e tendo que trabalhar o mesmo conteúdo[...] Então o que foi difícil foram outras metodologias de trabalho”.</p> <p>“Então, eu acho quem sofreu bastante foram os calouros? As outras turmas também, a gente sentiu até um esvaziamento assim das salas, né? É as turmas mais adiantadas que já estão no bacharelado na licenciatura, eu senti que eles conseguiram se manter mais firmes porque eram turmas menores e a gente conseguia se articular melhor. Agora as turmas maiores de terceiro, quarto, quinto as turmas antes dessa definição de licenciatura e bacharelado eu senti que houve um esvaziamento assim primeiro período que eu dei eu tive uma turma de [...] acho que umas dez ou quinze pessoas de quarenta alunos eh desistiram né? Porque tiveram que ir trabalhar [...]teve essa evasão por necessidade mesmo por falta de tecnologia por falta, de internet por falta de equipamento por falta de ter um celular pra acompanhar as aulas[...]”</p>
	Enquanto professor	<p>“Cara, foi essas adaptações, ninguém sabia fazer nada e eu não sabia nem o que era Google Meet. Não sabia como é que a gente ia fazer uma aula prática pela tela, como é que a gente (ia) isso foi uma descoberta que durante toda PANDEMIA [...]”</p> <p>“a dificuldade também era um pouco com a questão da internet, né às vezes eu e também de espaço ainda pra minha casa. [...]internet nem sempre pegava muito bem e eu não tinha espaço aonde eu pudesse dar aula[...] eu tinha que dar aula tipo assim no meu quarto. Então eu tinha que expulsar todo mundo do quarto. [...] não podia e eu ficava sentado na cama porque eu não tinha uma mesa e uma cadeira então dava aula com o computador no meu no meu colo sentada na cama explicando as coisas e conversando com os alunos e no fundo a parede né do quarto então eu dava aula assim porque eu não tinha um espaço adequado pra isso né [...]na casa nem dava pra fazer. Como eu tenho filho pequeno, era complicado, né?”</p> <p>“Ao passar para o formato pandêmico, primeiro foram os nossos custos, né tivemos que eh alocar uma internet Wi-Fi de ponto eu só tinha ah um computador né? Doméstico que tinha essa potência então tive que comprar câmera pra fazer adaptação do sistema. Uma outra coisa é realmente a qualidade do ensino, né? Você sabe que a gente estava de um lado e o aluno longe, a relação social, essa relação de proximidade, essa de relações, né? Inclusive afetivas eh impactaram demais, né? Primeiro que você nunca tinha a certeza que o aluno estava do outro lado que muitas das vezes a gente soube, né? Que eles lhes deixavam e não assistiram a aula. Então as perdas com relação a conhecimento foram imensas. Que a gente não tem nem como mensurar.”</p>

		<p>eram dificuldades gerais, não era só minha, não era só do aluno, mas era de todas as pessoas que estavam passando por aquele momento, né? Fora isso, nós tivemos que lidar com as perdas, né? Aluno, que desistiu ou porque perdeu um parente? Às vezes muito próximo a um pai, uma mãe, né? Um irmão, então nós mesmo perdemos vários amigos, né? Que a gente muitas das vezes tinha que ir pra frente da sala, ministrar aula, sabendo que tinha acabado de morrer um homem feio né? Então eh essas coisas impactaram muito no nosso emocional né? No havia assim um uma parecia que aquilo não ia acabar nunca que jamais a gente ia voltar né? E ela aí todo tempo ameaçando.</p>
	<p>Instituição e o Acesso</p>	<p>“na dança a gente precisa ver o corpo dançando. Então requer outras formas de lidar com a tecnologia. E quanto a gente não teve esse suporte porque se preocupou com a parte tradicional do ensino, né? Mas nessa parte não.”</p> <p>Então, aí foi uma forma de eu vê-lo juntando mais próximo do símbolo, mas mesmo assim tem delay.</p> <p>“a UEA não nos forneceu o subsídio é financeiro pra isso. Então a gente usou a nossa internet os nossos materiais. Agora, com relação aos alunos, a UEA ofereceu chips para celulares de ALUNOS pra que eles pudessem ter acesso às aulas. A questão é que tem aluno que não tem nenhum celular isso deixa de ser uma questão, uma problemática da somente da universidade. É uma problemática de um astro maior, é uma problemática social.”</p> <p>“nesse momento fazer com que esse aluno entenda o que ele tem que fazer na teoria pra depois passar pro corpo de forma que eu não vou estar lá vendo porque às vezes o aluno não tinha internet suficiente pra abrir o vídeo por isso essa preocupação de que a teoria tivesse muito consistente.”</p>
	<p>Avaliações</p>	<p>“Nunca deixei de fazer avaliação prática a gente fazia avaliação, dividia em grupos pra conseguir ver um quantitativo menor de pessoas, não ia conseguir avaliar os trinta ao mesmo tempo, então dividia em grupos, tal dia eu vou avaliar essas cinco pessoas, todo mundo vai fazer, mas eu vou olhar só pra esse. Outro dia eu vou olhar só pra aqueles outros e aí eu fui muito bom porque eu consegui também focar visualmente porque quando a gente faz a prova presencial tá todo mundo junto fazendo ao mesmo tempo[...]conseguia olhar um pouco mais como que era essa evolução individual, que ia achar uma coisa que muitos projetos ainda não retornaram e eu acho que vai levar um certo tempo ainda pra gente voltar àquela atividade dinâmica que tinha. Inclusive em pesquisas, como Paic, né? Os TCCs, muitos alunos estão deixando de fazer, estão deixando para um outro período tão desistindo agora que a gente retornou de fato no momento da pandemia.”</p> <p>“O que eu noto, o que houve o entrave foi mesmo no nosso comportamento, de aceitar esse novo formato. Novo formato não, esse outro formato de né? E muitos agora, depois que a gente voltou presencial, simplesmente desistiram, não tocam mais isso. Eu não, eu continuo utilizando em alguns momentos porque em algum momento talvez a gente precise novamente e eu não quero ser pega de surpresa.”</p>
<p>BENEFÍCIOS</p>		<p>“mas da mesma forma artisticamente artista e pedagogicamente caminhava muito juntos, eu aprendi muita coisa.”</p> <p>“Porque hoje eu ainda mantenho essa maleabilidade. Coisa que eu não tinha quando eu estava ali condicionada ao presencial. Tá? Então acho que é uma mudança assim que me marca muito. É a questão de entender primeiro que a gente estava passando por um momento muito difícil e que eu precisava ser maleável não só comigo, mas com as pessoas.”</p> <p>“eu penso que a pandemia trouxe o melhor e o pior de todos nós.”</p> <p>“Achei isso muito bom pra que até hoje a gente tá usando, muita coisa, até hoje a gente passou por mais que tenha voltado pra pro presencial, mas a eu pelo menos gostei tanto de alguns que é mais proveitoso daquele jeito e eu continuo utilizando.”</p> <p>“A gente usava também uma plataforma com o nome Ped Web. Que era uma plataforma que eu colocava os meus vídeos e os exercícios eram vídeos mais corriqueiros de pouco segundos, eles postavam lá e ficava que nem o Facebook todo mundo podia se ver o que o que filmava então eles iam comentando uma coisa...”</p> <p>“Hoje eu mantenho, então hoje em dia eu não faço mais essa prova em grupo já tenho essa questão de eu tô avaliando diariamente e diariamente eu tô avaliando cinco, cinco, cinco, cinco e depois eu vou vendo essa progressão individual”.</p> <p>“uma outra situação que eu achei positiva foi a possibilidade de nós termos uma Ação de alunos que por exemplo estavam voltaram pra São Gabriel da Cachoeira. E ele assistia a minha aula normalmente. Não estavam aqui, estavam com a família deles. Né? Então isso de uma certa forma foi um ganho porque você está perto da Sua família muito melhor.”</p>

PROJETOS/PESQUISA	<p>“Alguns projetos pararam, né, por conta de não ter se desafiado aí a esse novo formato”.</p> <p>“pesquisa eu tinha alunos de iniciação científica. E o campo todo foi prejudicado.”</p> <p>“aos projetos de pesquisa, de extensão, aliás, a por exemplo, ficou trabalhando online, fazendo criação de espetáculos online eh e aulas online e aulas práticas mesmo, né? E no polo “Arte na escola”, a gente fez muitas formações online, inclusive essa, eu abrindo uma um destaque pra essa questão do polo Arte na Escola, foi até melhor pra nós o período que eu tenho, porque a gente cruzou o país inteiro, levando esses professores daqui da básica pra tá conversando com professores de outras localidades e trazendo profissionais de outras localidades pra fazer formação com eles de arte e dança, arte/música, arte/teatro, [...] interior do estado também passou a participar muito,</p> <p>“Pesquisa, sinto que antes a mobilização no curso de dança de pesquisa era muito maior. Penso assim, primeira coisa que não vem na cabeça, tá aí, que iniciação científica. Então, a gente [...] um envolvimento bem grande, mas eu, por exemplo, tinha uns dois, três bolsistas por semestre. Com a chegada da pandemia esse limbo de dois anos é eu tive um orientando só. Então você entende se eu, professora tinha dois três durante dois anos eu tenho um então existe uma diminuição grande desse quantitativo e de envolvimento nas pesquisas.”</p> <p>A extensão também acho que tem essa reorganização. Por quê? A gente tem muitos projetos de extensão que são práticas tanto em projeto de balé clássico, projeto de jazz, projeto de contemporâneo que tem eh esse aperfeiçoamento né? Essas pesquisas voltadas nesse campo do corpo, da experiência corporal. E aí isso passa para um outro lugar que é entender esse corpo no virtual[...]</p> <p>Então alguns projetos pararam né? E outros tiveram essa adequação de como esse corpo fica nesse âmbito virtual. Então, produção de vídeo-dança, como que a gente faz pesquisa nesse viés de produção pra vídeo”</p> <p>“[...] também uma outra questão é que a prática nessas pesquisas também não pode acontecer a gente não podia ter esse contato. Então as deixaram de ser esse viés de pesquisa de campo e passaram a ter um viés de pesquisa de revisão bibliográfica.”</p>
-------------------	--

Quadro 01: Entrevistas. **Fonte:** (MOTA; RAMOS, 2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pandemia da COVID-19, houve a necessidade do distanciamento social, o que desencadeou e trouxe muitas incertezas em vários setores tanto econômico, político, social, assim como educacional que precisou retomar as aulas por meio Remoto emergencial e aqui no Amazonas segundo decreto 343, suspendeu-se as aulas presenciais para aulas remotas. O isolamento social modificou as formas de trabalho, nas escolas e universidades não foi diferente, com os professores da Universidade do Estado do Amazonas se reunindo para estudar a melhor forma pedagógica e desenvolver suas atividades.

Talvez o setor educacional seja de um fator de estruturação e impacto para a sociedade, de maior relevância, já que este setor é a base para transformação de um país, que talvez somente em décadas possa comprovar os resultados dos impactos dessa geração. O problema central desta pesquisa delineou como as alterações realizadas nas atividades presenciais para o formato mediado pelas tecnologias digitais da informação e comunicação TDIC's, empregadas durante a pandemia, interferiram no processo didático docente, direta e indiretamente na formação do acadêmico de licenciatura e/ou bacharelados em Dança da Universidade do Estado do Amazonas?

Observou-se que, a docência e os processos pedagógicos sofreram significativas mudanças, as aulas passaram a ser *homework*, devido à necessidade do distanciamento social, exigindo destreza, autodidatismo e compromisso dos professores. Vale ressaltar que em meio ao ensino remoto eles precisaram trabalhar até um pouco mais que na modalidade presencial, não receberam ajuda de custos para estruturar um ambiente adequado para ensino-aprendizagem em suas casas, mas do próprio bolso investiram no seu trabalho para dar uma boa aula com aquisições de equipamentos eletrônicos, assim como no próprio aluno. Que além desses fatores, havia ausência de formação continuada em tecnologia digitais e a conexão em rede de acesso à *internet*.

A pesquisa delineou que há a necessidade de investimentos no âmbito educacional, tanto em recursos tecnológicos, quanto em formação docente, além disso, o ensino remoto tem exigido adoção de uma cultura tecnológica no âmbito do ensino. Dos 09 entrevistados, 08 não tinham conhecimentos aprofundados sobre as TDCIs, mas de forma empírica, partindo da referência da capacitação oferecida por meio da Universidade pela plataforma AVA, trouxeram outros nortes como: *Google Meet*, lousa do *Google Meet*, livros em pdf, pelo aplicativo de *WhatsApp*, videoaula do YouTube, *Web Pad* (embora alguns não soubessem manusear ou de que se tratava, os desafios

de dar continuidade os expandiram e alagou-se os seus conhecimentos). E dos benefícios alguns ainda permanecem com as ferramentas que aprenderam sobre essas novas tecnologias pedagógicas e que até hoje dão continuidade na forma de avaliar, de comunicar e de relacionar.

Entre os impactos sociais, nota-se o desenvolvimento da empatia, gratidão, resiliência, transformação na relação aluno/professor, pois alguns possuíam uma relação de forma rígida e frente ao enfrentamento pandêmico tornaram-se benevolentes. Percebe-se, também, a potencialização das características autodidatas, do senso de compromisso.

Com todos os desafios restam saber para futuras pesquisas quais impactos à longo prazo os alunos do ensino pandêmico sofreram com relação ao trinômio ensino-pesquisa-extensão, e o impacto profissional das mudanças pedagógicas vivenciadas neste período.

REFERÊNCIAS

- ACHCAR, Balé: Uma arte.Coryright, Rio de Janeiro – Rj,1998
- AMAZONAS. Decreto nº 42.087, de 19 de março de 2020. **Dispõe sobre a suspensão das aulas da rede pública estadual de ensino, em todos os municípios do Estado do Amazonas.** D.O.A nº 34.206, p. 1, 20 mar. 2020. Disponível em: <http://diario.imprensaoficial.am.gov.br/diariooficial/consultaPublica.do>. Acesso em: 23 set. 2022
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: realidades e expectativas futuras.** (org), Cortez, 4ª ed. São Paulo, 2002.
- BARBOSA, Ana Mae. FAN, Sofia (Tradução) **Arte-Educação no Brasil.** In (1975).
- BARCICH, Lilian; MORAN, José (Org.). **Metodologia ativa para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** Penso: Porto Alegre – RS, 2015.
- BARDIN, L. **Análise do Conteúdo.** 4ª. ed. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BERTUCCI, Janete Lara de Oliveira. **Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos (TCC): ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação Lato Sensu.** São Paulo: Atlas, 2008.
- BIBLIOTECA DA UEA. Disponível em: <<http://www.uea.br/biblioteca/>>. Acesso em 01.03.2023.
- BRANCO, Paulo Coelho Castelo. **Diálogo entre a Análise do Conteúdo e Método Fenomenológico Empírico: Percursos Históricos e Metodológicos,** 2014. Revista de Abordagem Gestáltica – jul, dez, 2014.
- BRASIL. **BNCC.** 2ª versão. Revista. Brasília. Ministério da Educação, 2001.
- BRASIL. Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. Portaria nº 343, 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meio digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus-COVID-19. Dou Nº 53, 18.03.2020, SEÇÃO 1, p.39. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-343-2020-03-17.pdf>. Acesso em 10.01.2023
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ EBDCNGB.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL.LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte/Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed: Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/** Secretaria da Educação Fundamental: Brasília: MEC/CEF, 1997.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. Artigo, 2006. **Texto contexto de enferm**, Florianópolis.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: qualitativo, quantitativo e mistos**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª ed. Artmed – Porto Alegre – RS, 2007.

DAMARIS, Marcela. **TECNOLOGIA, TIC e TIDIC: Definições, utilizações e diferenças de conceitos**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jscI2_t36eY. Com 20.450 visualizações. Acesso em 10/02/2023.

FERREIRA, Angela; CALAZANS, Castilho. **Dança criativa – Uma Nova perspectiva do ensino e da criação**. Ed. Cortez, 2001.

FREIRE, José Carlos Serrano. **Afinal... por que nossos alunos não aprendem?** Os que os pais e professores precisam saber sobre como melhorar a aprendizagem e reduzir a indisciplina/.2ª e. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

GUIMARÃES, Josely Gomes; et al. **O bem-estar subjetivo dos servidores do IFB em tempos de pandemia**. Disponível: <https://www.ifb.edu.br/attachments/article/30060/O%20bem%20estar%20subjetivo%20dos%20servidores%20do%20IFB%20em%20tempos%20de%20pandemia.pdf>. Acesso em 03/03/2023

LIMA, Sarene. O retorno da dança para as mãos do criador. Copyright, 2002.

MARQUES, Isabel A. **ENSINO DE DANÇA HOJE: textos e contextos**. 2ª ed, Cortez, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa Social: teoria, métodos e técnicas**. 31ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOREIRA, D.; BARROS, D. **Orientações Práticas para a Comunicação Síncrona e Assíncrona em Contextos Educativos Digitais**. 2020. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9661>. Acesso em: 15 março. 2021.

NEGRÃO, F. C. **Narrativas (auto)biográficas da docência em tempos de ensino remoto emergencial**. In: CARDOSO, J. V. F. Et al (Orgs.). Ensino de graduação em tempos de pandemia:

experiências e oportunidades para uma educação tecnológica na Universidade Federal do Amazonas. Manaus: EDUA, 2021. p. 91-100.

NEGRÃO, F. C.; DAVIM, J. A. C. S. **Perspectivas discentes sobre aulas remotas: desafios e (novas) possibilidades.** In: I Simpósio Nacional de Estratégias e Multidebates da Educação, 1, 2020, Online. Anais... Online: Centro Universitário do Sul de Minas, 2020, p. 206-208.

NEGRÃO, F. C.; MORHY, P. E. D. **O cenário da educação pública no Amazonas em tempos de pandemia.** In: MARTINS, G. Estratégias e Práticas para Atividades a Distância. Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2020

NEGRÃO, F. da C.; MORHY, P. E. D.; ANDRADE, A. N. de; REIS, D. A. dos. **O Ensino Remoto Emergencial em Tempos de Pandemia No Amazonas.** REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e22015, 2022. DOI: 10.26571/reamec.v10i1.13035. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/13035>. Acesso em: 10 março. 2023.

PINTO, Amanda Silva. **Dança como área de conhecimento:** dos PCN's à sua implementação no sistema educacional municipal de Manaus. Travessia/ FAPEAM, Manaus–Am, 2015.

PRESTES, Maria Lúcia de Mesquita. **A Pesquisa e a construção do conhecimento científico:** do planejamento aos textos, da escola à academia. 3ª ed. São Paulo: Rêspel, 2007.

RODRIGUES Joao Victor Figueiredo Cardoso... [et al./] (org.). **Ensino de Graduação em tempos de Pandemias [recurso eletrônico]:** experiências e oportunidades para uma educação tecnológica na Universidade Federal do Amazonas–Manaus: EDUA, 2021

RODRIGUES, Ione Aparecida Neto. **Livros Tecnologias Digitais e Escola.** PDF (p. 44). O mundo muda, a avaliação muda: Reflexões sobre a avaliação da aprendizagem remota.

SANTOS, Akiko. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação:** cinco princípios para regatar o elo perdido - revista brasileira de educação v.13 nº 37 jan/abr. 2006.

STRAZZACAPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e à docência: A formação do artista da dança.** 4 ed. Campinas. Papirus, 2006.

TUCCI, Janete Lara de Oliveira. **Metodologia básica para Elaboração de Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCC).** Atlas: São Paulo, 2008.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS. **Curso de Dança.** Disponível em: <<https://cursos2.uea.edu.br/index.php?dest=info&curso=54>>. Acesso em 12/02/2023.



ANEXOS



ANEXO A

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO (ESAT)**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar deste estudo intitulado **Formação em Dança e Aulas Mediadas por Tecnologias: Impactos e Contribuições do Formato de Ensino Remoto no Curso Superior de Dança no Período Pandêmico**, porque tem perfil e preenche os critérios para participar desta pesquisa.

Esclarece-se que sujeito da pesquisa é a expressão dada a todo ser humano que de livre e espontânea vontade (após ser devidamente esclarecido), concorda em participar de investigações fornecendo informações. Logo, poderão ser entrevistados e informados através de contatos pessoais da própria pesquisadora/acadêmica, nos locais de maior comodidade e segurança, permitindo assim privacidade e melhor coleta dos dados.

Destaca-se que o objetivo deste estudo é: **a)** pesquisar a dança como área de conhecimento, **b)** elencar o que é o ensino remoto e quais as principais tecnologias digitais da informação e comunicação aplicada na área da educação **c)** investigar principais dificuldades/aprendizados possíveis relatados por docentes para a continuidade de suas práticas laborais durante momento pandêmico, por isso, como instrumento de recolha de dados utilizar-se-á a entrevista com o intuito de recolher informações relacionadas à pesquisa em questão.

O (a) Sr. (a) terá toda liberdade para se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízo de qualquer natureza. Sua identidade será mantida sob absoluta confidencialidade e, e os dados das entrevistas serão tratados para serem expostos sem comprometimento de sua imagem.

Esclarece-se que embora a natureza desta pesquisa apresente risco muito baixo para a qualidade de vida dos sujeitos investigados, sua decisão de participar do estudo não está de maneira alguma associada a qualquer tipo de recompensa financeira ou em outra espécie, entretanto, pode ser ressarcido de eventuais despesas.

Deixa-se claro que a(o) Sr.(a) receberá uma cópia deste documento e de outros que se fizerem necessários para que as informações estejam sempre à mão, outrossim deixo aqui meu endereço e meus contatos para que a qualquer momento que necessitem de orientação sobre.

Fica ainda disponibilizado o endereço da Escola Superior de Artes e Turismo, da Universidade do Estado do Amazonas, na Av. Leonardo Malcher nº 1728, Praça 14 de janeiro, Cep 69010-170, Manaus-Am, que funciona de 2ª a 6ª Feira, das 14h às 21hs.

Pesquisadora: **Kátia Regina Vieira Mota**

Endereço: Rua Belo Horizonte, 1321 - Adrianópolis Telefone: (92) 99408-1104

E-mail: katiamoto144@gmail.com



APENDICES



APENDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Esta entrevista servirá de base para a elaboração do trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Dança, da Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

1. DADOS PESSOAIS:

Nome:

Idade:

Grau de instrução:

Endereço Profissional:

Tempo de atuação na ESAT:

Componentes curriculares ministrados:

2. PERGUNTAS

2.1 De maneira geral como o (a) sr. (a) descreveria o ensino/pesquisa/extensão no curso superior de dança, da ESAT, antes e após da pandemia?

2.2 Durante a pandemia quais foram suas principais dificuldades enquanto docente?

2.3 Considera que o formato de ensino mediado por tecnologia, empregado principalmente durante a pandemia, trouxe modificações em suas estratégias metodológicas? Caso sim, comente quais.

2.4 O que o(a) sr. (a) entende por TDIC's?

2.5 Antes, durante e após a pandemia o (a) sr. (a) possuía/possui alguma formação complementar na área de TDIC's?

2.6 Sentiu que houve suporte da universidade nas atividades de ensino/pesquisa/extensão quanto ao fomento TDIC's no período da pandemia?

2.7 Como foi realizada a avaliação dos alunos? Já que as práticas avaliativas eram por meio de provas, seminários, composições de células coreográficas, ou por meio de aulas práticas reproduzidas e avaliadas pela observação?